

# ADULTOS

## AS MARCAS DE UMA IGREJA SAUDÁVEL



# APRESENTAÇÃO

A Igreja de Cristo tem suas marcas distintivas. E é sobre essas marcas que tratam as lições desta revista.

A partir de uma leitura cuidadosa da Primeira carta de Paulo aos Coríntios, o Pastor Giancarlo faz uma série de estudos sobre as marcas de uma Igreja saudável. O autor destaca diversas características de uma igreja saudável a partir de um contraste agudo entre as práticas da Igreja em Corinto e os ensinamentos do apóstolo.

Marcas como a unidade, o amor, a liberdade, a proclamação da Palavra, a santidade são destacadas do texto bíblico e apresentadas com clareza e de forma didática nas lições. Além do mais, os estudos são bem fundamentados em várias autoridades sobre o tema.

Outro aspecto que merece de destaque nesta revista é a constante aplicação prática dos ensinamentos. A cada passo da apresentação dos temas tratados o Pastor Giancarlo se esforça por fazer aplicações do assunto ao dia a dia das leitoras e dos leitores.

Não é demais registrar que esses estudos nasceram da lida pastoral do autor e “passou no teste de campo”, se podemos dizer assim, edificando a Igreja que ouviu essas mensagens.

As marcas distintivas da Igreja de Cristo são estudadas aqui para a instrução, edificação e formação de igrejas saudáveis que se esforçam por servir ao Senhor da Igreja de forma cada vez mais fiel.

Desfrute desta abençoada leitura!

***Rev. José Roberto Cristofani***

**Secretário de Educação Cristã**

Revista de Educação Cristã para adultos

# Vivendo a FÉ 41

## AS MARCAS DE UMA IGREJA SAUDÁVEL



Autor:

**Rev. Giancarlo Brojato**

Revisão:

**Rev. Gerson Correia de Lacerda**

Capa e Editoração Eletrônica:

**Seiva D'Artes**

**Pendão  Real**  
[www.pendaoreal.com.br](http://www.pendaoreal.com.br)

1ª edição - setembro/2020  
São Paulo, SP

# SUMÁRIO

1. A unidade da igreja .....	4
2. A proclamação da palavra.....	8
3. A santidade da igreja (1).....	12
4. A santidade da igreja (2).....	16
5. A santidade da igreja (3).....	20
6. A pureza das vocações na igreja .....	23
7. A liberdade com fidelidade na igreja (1) .....	29
8. A liberdade na igreja (2) .....	33
9. A liberdade sem libertinagem (3).....	38
10. A comunhão da igreja .....	43
11. O amor da igreja (1).....	49
12. O amor da igreja (2).....	53

**TEXTO BÁSICO:***1 Coríntios 1.10-31; 3.1-9***TEXTO CENTRAL:***“Acaso, Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo? (1 Coríntios 1.13)***LEITURAS  
BÍBLICAS****SEGUNDA**

Marcos 10.35-45

**TERÇA**

Filipenses 2.1-4

**QUARTA**

Filipenses 2.5-11

**QUINTA**

Filipenses 4.2-3

**SEXTA**

Efésios 4.1-6

**SÁBADO**

João 17.20-23

**DOMINGO**

Atos 2.42-47

**INTRODUÇÃO**

A Igreja de Corinto é uma comunidade estratégica na missão paulina. A carta foi escrita em Éfeso (At 15.32; 16.8) por volta de 54 d.C., na segunda viagem missionária de Paulo. A carta registra uma igreja com vários dons espirituais (1.7), porém com alguns problemas pastorais que motivaram Paulo a escrever a sua primeira epístola para esta comunidade.

Portanto, Corinto é um “modelo negativo”. O que Paulo rejeita em Corinto serve como paradigma de uma igreja sadia. As exigências de Paulo para a Igreja de Corinto indicam as dificuldades espirituais e ministeriais da igreja – que envolvem os relacionamentos na comunidade de fé e o testemunho praticado no mundo. Sendo assim, estas exigências são as “marcas de uma igreja saudável”.

Nesta série de estudos, enumeraremos os problemas pastorais de Corinto. O primeiro problema são as divisões – que estavam causando conflitos para a comunidade. Como se manifestavam estas divisões? Quais os pontos negativos das divisões na vida da Igreja de Corinto? Estes questionamentos nortearão este estudo. O problema das divisões ainda faz parte da Igreja de Cristo, causando sofrimento e paralisação na missão da igreja. Neste sentido, este tema é de suma importância para nossa reflexão.

Sobre este assunto vale a pena registrar o que diz Carrez (1993, p. 15): “Os coríntios revivem na igreja seus antigos hábitos religiosos; parece-lhes normal agrupar-se em clãs, em tiasos, pequenos grupos de 40 a 50 pessoas. Tendências, afinidades e gostos abrem a porta para as divisões. Cada grupo assume como patrono um mestre, um inspirado, um nome, em torno

do qual se cristalizam as aspirações e as diferenças”.

Vamos estudar e meditar sobre três pontos: a) as divisões entre os membros da igreja e a relação com os líderes; b) A cruz como modelo de unidade para o povo de Deus; c) A consequência das divisões para a atuação ministerial e relacional da igreja.

## 1. DIVISÕES ENTRE OS MEMBROS ENVOLVENDO OS LÍDERES

Paulo diz que as divisões provocam na igreja falta de unidade. Os membros não “falam a mesma coisa”. Paulo roga para que a igreja tenha o “mesmo parecer” e a “mesma disposição mental” (1.10).

Esta divisão de parecer e de pensamento envolvia as lideranças da igreja (1.12)! Os coríntios não estavam fazendo um trabalho coeso e acusavam os líderes de serem os mentores destas divisões ou imputavam a eles as divisões como uma manifestação indireta da sua força de atuação.

Uns são do partido de Paulo, outros de Apolo, outros de Cefas e alguns de Cristo (1.12). A igreja está dividida e supostamente os seus pastores são mencionados pela liderança local como sendo o motivo da divisão! A igreja deveria ver nos líderes um modelo para o trabalho, porém usava a autoridade deles para justificar as disputas internas.

Algo merece nossa reflexão: a igreja, em certas ocasiões, age com falta de coerência. Joga o peso de suas divisões nos líderes. Faz com que um líder se posicione contra outro.

Qual o pano de fundo destas divisões?

Em primeiro lugar, uma possível divergência entre os líderes Paulo e Apolo? Quem é Apolo? Era um cristão de origem judaica natural de Alexandria (Egito). Quando chegou a Éfeso, recebeu instrução adicional de Áquila e Priscila (At 18.24-28). Mudou-se para a província da Acaia (cuja capital era Corinto), onde deu mostras de ser um mestre poderoso e eloquente. Cefas é o nome aramaico de Pedro. O texto de 1 Coríntios 9.5 dá a entender que Pedro esteve em Corinto, mas não é possível afirmar com certeza. Poderia ser que fiéis que estiveram em Jerusalém ou Antioquia, e entraram em contato com Pedro, usariam o nome dele para incitar as divisões e angariar alguma autoridade nos conflitos.

Paulo critica os grupos que faziam comparação entre ele e Apolo (cuja retórica é provável ser o seu ponto forte). Ou seja, Apolo tem o perfil de um exímio pregador e orador, e, por isso, alguns da igreja desprezavam Paulo, um homem de sabedoria nas Escrituras e na cultura grega. Apolo tem o perfil do pastor ensinador, versado na pregação, na técnica de comunicação. Hoje seria um excelente professor de Escola Dominical, ou um pregador que arrebatava multidões com sua oratória.

Paulo, por sua vez, um excelente teólogo, formado aos pés de Gamaliel, era, porém, um “plantador de igreja”, um pastor com visão missionária. Um desbravador de mares, um visionário na disseminação do evangelho. Paulo não é versado na “sabedoria”, mas é o “pai da

comunidade”: “Pois eu, pelo evangelho, vos gerei em Cristo Jesus” (4.15b). Sendo assim, Paulo é o “ministro de Cristo” (uperetas, termo oriundo da marinha, que designa o “remador” subalterno), é o “despenseiro” (“ecônomo”, que é administrador) dos “mistérios” (segredos, fazendo referência à revelação de Jesus aos gentios) de Deus. Paulo é o “servo de Jesus”, o subalterno de Cristo, e é o administrador do seu “mistério” às pessoas.

Analisando 1.18-25 pode também haver um cenário de divisão entre judeus e gregos. A igreja está dividida entre um pensamento voltado para o judaísmo e outro voltado para a filosofia grega. Uns querem sabedoria, estudos, conhecimento e outro grupo deseja poder, força, conquista, messianismo. Existe esta divergência na igreja cristã de missão paulina: na igreja da Galácia, havia os judaizantes e os cristãos de origem grega. Em Corinto, uma parte da igreja valoriza o raciocínio, a pregação articulada, o conhecimento (gnosis) como uma forma de alcançar a Deus, e outra parte valoriza o “poder”, os milagres, o sobrenatural. A depender da tendência do líder a comunidade se dividia diante das opiniões teológicas.

Este era o “mapa” da divisão em Corinto.

O que tem dividido as nossas igrejas nos dias de hoje?

## 2. A CRUZ COMO MODELO DE UNIDADE

Paulo ataca as divisões escrevendo que “Cristo não está dividido” (1.13).

A igreja não é de Paulo, nem de Pedro,

nem de Apolo, mas do Senhor Jesus Cristo. É o Corpo de Cristo e este corpo não pode estar dividido! Eis um grande equívoco da Igreja de Corinto: os membros se comportavam como “donos da igreja”. Mas Paulo desfaz esse grande equívoco ensinando que a igreja é de Jesus.

Paulo não batizou muitos crentes. Ou seja, ele não foi o “pastor” da igreja que trabalhou na formação de muitos discípulos. Antes, o ministério de Paulo era “fundar” igrejas. Cada um tinha um papel e Paulo delimita o seu. Ele é o apóstolo, o desbravador, o plantador de igrejas. Isto não o tornava melhor do que Cefas ou do que Apolo. Todos tinham papéis importantes. Papeis diferentes, mas ambos importantes. Um foi quem plantou, outro regou, mas Cristo deu o crescimento (3.6-7). Todos são servos, porém o Senhor Jesus é o Cristo!

Quem pagou o preço na cruz para redimir e constituir a igreja foi Cristo. Os líderes e o povo devem seguir seu exemplo de amor e serviço ao Pai.

A cruz lembra o sacrifício do amor (Jo 3.16).

Em outros escritos de Paulo, a cruz representa a libertação da lei, das ordenanças vazias. Neste sentido, a cruz é compromisso, sofrimento, luta, amor, discipulado pelas coisas de Deus e da Igreja do Senhor.

Ao escrever aos Filipenses, Paulo chama de “inimigos da cruz de Cristo” (Fp 3.18) os falsos missionários que pregavam uma doutrina de divisões no seio da comunidade cristã.

Portanto, ao pensar em modelo de unidade, Paulo tem como paradigma maior a morte de Jesus na cruz, que elimina toda e qualquer divisão no seio da igreja. A cruz promove a unidade do trabalho e do amor.

### 3. O QUE REVELAM AS DIVISÕES?

As divisões e os partidarismos na Igreja de Cristo são vistos por Paulo como algo negativo – e são os causadores de muitos prejuízos para o povo de Deus. A partir deste tópico, vamos enumerar algumas atitudes que são consequências das divisões no seio da igreja:

- a. Imaturidade da igreja: Paulo afirma que os crentes de Corinto eram “meninos” (3.1). Revela a falta de crescimento espiritual dos crentes. Fazer dos grupos um partidarismo, ou causar desavenças por causa de líderes, é uma atitude infantil. Dizer que eu sou “deste” ou “daquele” pastor é indício de falta de maturidade na fé. Comparar líderes, além de ser falta de delicadeza, demonstra uma inoperância espiritual da igreja.
- b. Carnalidade na igreja: Paulo também denomina a igreja de “carnal”. Carnalidade é o mesmo que falta de fé, de entendimento e de discernimento. Uma igreja carnal é aquela que não vive conforme os padrões de Cristo, mas, sim, de seus desejos pessoais. Carnalidade tem a ver com rivalidade, contenda, inveja, ciúmes, porfias, partidarismos.
- c. Inoperância da igreja: Outro problema é que uma igreja dividida não cumpre sua missão na propagação

do evangelho. As divisões impedem o crescimento da igreja em todas as áreas: ministeriais e missional. A igreja não cresce nem espiritualmente nem numericamente por causa das divisões.

- d. Líderes descomprometidos com a obra: Paulo diz que os líderes são cooperadores, mas a lavoura é o povo (3.9). O povo não sabendo do seu verdadeiro papel na igreja, às vezes, segue líderes inescrupulosos! Um líder comprometido com Cristo não incita à divisão em igreja esteja em estado de apostasia às Escrituras.

### CONCLUSÃO

Como é o “mapa” da nossa igreja? Somos uma igreja carnal ou espiritual? Existem grupos em nossas igrejas que se configuram como partidarismo?

Ainda há divisões por causa de líderes em nossas comunidades? Como tem sido a transição de pastores em nossas igrejas? Como presbitérios(as) e pastores(as) se comportam diante da diversidade de opiniões no seio da comunidade?

A igreja não pode ter divisões internas quanto à sua liderança.

Cada um tem um papel. Cada pastor exerceu ou exerce o seu ministério.

O pastor que administra espiritualmente a igreja ser dever e respeitado pela igreja e gozar da responsabilidade (tendo a cruz como modelo) de servi-la, amá-la, dirigi-la no poder do Espírito Santo.

# A PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA

## TEXTO BÁSICO:

1 Coríntios 2.1-16

## TEXTO CENTRAL:

*“A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus”. (1 Coríntios 2.4-5)*

## LEITURAS BÍBLICAS

### SEGUNDA

Mateus 11.25-27

### TERÇA

Mateus 11.28-30

### QUARTA

Mateus 9.35-38

### QUINTA

Mateus 28.18-20

### SEXTA

Romanos 1.16-17

### SÁBADO

Romanos 10.1-15

### DOMINGO

2 Timóteo 4.1-5

## INTRODUÇÃO

A Igreja de Corinto tem em sua cultura forte influência da filosofia grega e da religião gnóstica, que prega em sua “doutrina” que o “conhecimento” (gnose) é a porta de entrada para os mistérios do mundo. “Conhecer” é penetrar nos poderes que governam o universo. Alguns chamam o “gnosticismo” de “religião de mistério” por esta causa.

Paulo diagnostica a divisão na Igreja de Corinto como um grande mal. Como já foi assinalado em estudo anterior (sobre as divisões), havia grupos na comunidade cristã que valorizam este “conhecimento” e associavam a pregação do evangelho a um jogo de palavras em conformidade com a “sabedoria” de sua época.

Ao tocar no assunto da pregação na Igreja de Corinto, Paulo direciona a comunicação do amor de Deus como um movimento em direção à cruz e não ao conhecimento racional e místico das religiões de Corinto. Portanto, para Paulo a pregação tinha alguns ingredientes que a classificavam como genuína e eficaz.

Veremos neste estudo quais são as características da pregação na igreja. Não vamos nos deter em detalhes exegéticos à exaustão, mas tê-los como norteadores para a eficiência da pregação que é realizada em nossas igrejas.

Antes de explicitar quais os pontos de eficácia da proclamação do evangelho, é necessário expor o que entendemos por pregação, isto é, a “proclamação” da mensagem da salvação que é pregada nos púlpitos e através do testemunho dos membros das comunidades cristãs, além dos trabalhos evangelísticos da igreja. Os concei-

tos desenvolvidos são de alcance para a proclamação num patamar geral – ou seja, na pregação, na doutrina e na missão evangelizadora da igreja.

Uma das marcas da igreja cristã é a proclamação do evangelho. Destacamos neste estudo quais são as marcas da pregação da mensagem de Jesus Cristo.

## 1. O CONTEÚDO DA PROCLAMAÇÃO (2.1-5.7)

Parece ser complexo o assunto, mas não o é! Paulo usa alguns termos que identificam o conteúdo da pregação do evangelho, que está registrado nos versículos 1-5. Nos versos posteriores, Paulo desdobrará o assunto para explicitar seu ponto de vista sobre a pregação.

Mas, nos versículos 1-2, Paulo diz que pregou sem “ostentação de palavra” ou de “sabedoria” o “mistério de Deus”. Na língua que a Bíblia está escrita é importante destacar que a palavra usada é “mistério” (v.7) e não “testemunho” como está na tradução revista e atualizada de Almeida (ARA), pois “mistério” faz referência à “revelação” que Paulo recebeu diretamente de Deus. Em Gálatas 1.16 nós lemos assim: “revelar seu filho em mim”. Portanto, a pregação tem como tema central a revelação (apocalipse) que Paulo recebeu de Deus. Este conteúdo revelado a Paulo é a “cruz” de Cristo (v. 2). No versículo 10, Paulo fala que esta revelação (apocalipse) Paulo recebeu pelo Espírito (vv. 12-16). No v. 16 Paulo fala da “mente de Cristo” como uma referência ao próprio Espírito. Em 1Coríntios 1.18.23, fica claro que Paulo expõe que sua pregação está baseada na “palavra

da cruz” e que não deseja conhecer nada além daquilo que Deus realizou na morte e na ressurreição de Jesus Cristo.

Esta revelação (este mistério) foi dada a Paulo e é o “conteúdo” da sua pregação. Ele a recebeu diretamente do Espírito (ou seja, de Deus, o Pai) e sua autoridade não vem de um conhecimento humano ou de um “líder iluminado”. O sentido do mistério é, portanto, a revelação da morte de Jesus na cruz como um evento de salvação. A princípio é um conteúdo muito simples e que não precisa de um “complemento” humano de sabedoria, ou de uma revelação sobrenatural como buscavam os gnósticos.

## 2. O MÉTODO DA PREGAÇÃO (2.1,4)

Paulo não pregou com “sabedoria humana”. O foco da pregação não está no conhecimento do pregador (seja místico ou de elevado grau de estudo e racionalidade, mas para quem ele aponta e no conteúdo da sua mensagem.

A excelência da pregação não está na técnica ou no pregador, mas na mensagem proclamada, pois o conteúdo da mensagem já está “revelado” – e é Jesus Cristo crucificado. Esta é a visão de Paulo. Não é necessário buscar em Deus através de um grau de iluminação um conhecimento secreto, ou seja, elitizado, nem fazer desse conhecimento uma ostentação na linguagem dos seus pregadores.

A mensagem cristã da salvação é simples e foi revelada através do Espírito. É proclamada em “poder”, em “temor”, dotada de uma autoridade pneu-

mática (espiritual) e não baseada em palavras de sabedoria.

Não queremos dizer com isso que um pregador não possa aperfeiçoar sua oratória ou desenvolver técnicas que ajudem na comunicação do evangelho. Porém, o que Paulo combate é que não pode haver, em hipótese alguma, a transferência da glória de Jesus Cristo crucificado para a eloquência ou para a linguagem do pregador. Quem deve ser evidenciado é Jesus Cristo crucificado e não o conhecimento humano ou a oratória do pregador. No tópico posterior, ampliaremos esta discussão sobre a eficácia da pregação. O poder de alcance do evangelho não está no ser humano, mas em Deus e sua liberdade de escolha.

### 3. OS DESTINATÁRIOS E A EFICÁCIA DA PREGAÇÃO (2.9-16)

Cabe agora discutir o poder da pregação verdadeira e as pessoas que ela atinge. Paulo deixa claro que não é o poder da comunicação que atinge as pessoas, mas o “poder do evangelho” – aliás, ele diz que é “poder de Deus” e “sabedoria de Deus” em 1 Coríntios 1.24. Portanto, ao comunicar o evangelho Paulo não o fez com sabedoria humana, mas com “poder” e com “temor”.

Esta maneira de entender a pregação aponta para duas verdades. Primeiro, o evangelho é uma grandeza “espiritual” e não “racional”. A linguagem do pregador não melhora a aceitação do evangelho, mas a ação do Espírito na vida do pregador e da igreja é capaz de fazê-lo. Eis aqui a diferença. A men-

sagem do evangelho será eficaz na revelação espiritual da mensagem de que Jesus é o Cristo e não na persuasão de palavras humanas.

A eficácia da recepção da mensagem do evangelho não está no poder de comoção do pregador, mas na iluminação do Espírito Santo. O mesmo Espírito que revelou a Paulo e aos apóstolos que Jesus é o Cristo “convence” as pessoas do senhorio de Jesus Cristo.

O estudo da Escritura é importantíssimo, mas, em momento algum, deve estar dissociado da santidade da igreja. O conhecimento teológico sem a devoção e a piedade perde a autoridade espiritual (ver Tiago 2.14-26).

No pensamento de Paulo, o que concorre ou procura ofuscar a mensagem da morte e ressurreição de Jesus Cristo deve ser repensado ou até abandonado, pois não faz parte da mensagem original de salvação.

Sobre as pessoas que vão receber o evangelho, fazemos as seguintes considerações: a igreja tem a responsabilidade de pregar o evangelho a toda criatura (Mc 16.15); a igreja pode utilizar as técnicas e os métodos salutares que estão à sua disposição para pregar o evangelho com eficácia. Mas a “palavra da cruz” que é pregada é que tem a liberdade do Espírito para atingir o ser humano. Há pessoas resistentes ao evangelho. Porém, Deus separou alguns pelo seu amor para revelar o conteúdo desta mensagem de salvação (vv. 9-10).

É evidente o movimento da eleição

divina na pregação do evangelho – porém, não compete ao ser humano saber ou especular. Paulo tão somente sinaliza que Deus escolhe e chama pessoas rejeitadas pelo mundo por vários motivos (1.26-31). Deus escolhe simplesmente para manifestar sua graça e seu amor. Jesus prega e na mesma direção ensina sobre a eleição divina (Mt 11.24-25).

A pregação no Espírito tem a função de chamar os salvos a Cristo Jesus. O ser humano natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, pois lhe é loucura (2.14). Não compete a nós saber quem são os eleitos e quando eles foram escolhidos. Compete à igreja de Jesus Cristo saber, com a finitude do seu entendimento, que Deus escolheu no Espírito, através da pregação de Jesus Cristo crucificado, algumas pessoas para serem salvas. A única pista que a Escritura dá é que estas pessoas são, em sua maioria, “simples”, “fracas” e “prejudicadas neste mundo”.

## CONCLUSÃO

Uma comunidade modelo segue o exemplo de Paulo na proclamação do evangelho. O conteúdo da mensagem de salvação é o Senhor Jesus Cristo crucificado e glorificado.

O Espírito revelou a Paulo que o amor de Deus na pessoa de seu filho crucificado é a “palavra da cruz” endereçada ao ser humano caído e afastado da graça divina.

O “método” da pregação não é a técnica ou a oratória do ser humano, mas o “poder de Deus”. O sucesso da pregação é o anúncio fiel da mensagem

do evangelho. O poder não está na técnica do orador ou no seu conhecimento místico, mas na consagração pessoal e na fidelidade ao evangelho de Jesus Cristo.

O público-alvo do anúncio do evangelho são todos – mas apenas alguns o entenderão e o aceitarão. Sem grandes especulações teológicas, as pessoas que alcançadas são os esquecidos pelo mundo, as pessoas sem nobre nascimento, os que não têm nenhum valor do ponto de vista humano.

## TEXTO BÁSICO:

*1 Coríntios 5.1-13*

## TEXTO CENTRAL:

*“Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado” (1 Coríntios 5.7)*

LEITURAS  
BÍBLICASSEGUNDA

1 Coríntios 3.16-17

TERÇA

1 Pedro 1.13-16

QUARTA

Gálatas 5.16-17

QUINTA

Apocalipse 3.19-22

SEXTA

Jeremias 18.6-9

SÁBADO

Levítico 18.7-8

DOMINGO

Hebreus 12.4-13

## A SANTIDADE DA IGREJA (1)

## INTRODUÇÃO

A igreja é o “santuário de Deus” (3.16). É a morada do Altíssimo entre os seres humanos. A igreja como “corpo de Cristo” é o Templo de Cristo no mundo. Quem destruir o santuário será destruído! É a imagem de Jeremias 18.6-9. Os destruidores do “templo de Deus” serão destruídos. Em Corinto, a divisão afeta a igreja de Cristo, que é o “templo de Deus” no mundo.

A imoralidade também é outro fator de falta de estabilidade da igreja. Portanto, a Igreja de Corinto também é modelo negativo de “imoralidade”. Foi uma igreja que não ofereceu testemunho em várias áreas da vida pessoal dos seus membros.

A Bíblia nos chama a viver em santidade. Temos o clássico texto de Levítico, retomado por Pedro, que diz: “Sede santos, porque eu sou santo”. Não vamos falar em sentido teológico sobre os passos da santidade, mas expor como os membros da Igreja de Corinto estavam se comportando erroneamente em algumas áreas da vida.

Portanto, vamos trabalhar a santidade em alguns tópicos:

- a. Disciplina;
- b. Litígios;
- c. A questão da espiritualidade e a imoralidade;

**1. DISCIPLINA PARA A QUESTÃO SEXUAL (5.1-13)**

O que é disciplina? Conforme nos ensina Carrez (1993, p. 30), “é a reação da Igreja contra toda maneira de viver contrária a fé”. O primeiro caso de regulamentação disciplinar na igreja foi o

“Concílio de Jerusalém” (At 15.20.29). Os pagãos que se converteram ao cristianismo incipiente foram exortados a abandonarem os ídolos, as carnes sufofocadas e as relações sexuais ilícitas. Ou seja, a vida cristã tem herança no judaísmo e, como tal, os gentios que se convertem não devem praticar os comportamentos mundanos herdados do passado.

## 2. EXORTAÇÃO À PRÁTICA DA DISCIPLINA NA IGREJA (5.1-13)

Paulo exorta a igreja a aplicar uma disciplina curativa: o apóstolo deseja proteger a comunidade, levando seus membros a romper as relações com os pecadores (v. 13). O culpado deve ser entregue a Satanás, mas tendo em mente o dom da graça de Deus que haverá de salvar o infrator mais tarde. O enfoque é a graça divina, mas Paulo faz valer a necessidade da disciplina dentro da Igreja de Cristo. Calvino afirmou que a disciplina serve para não macular o bom testemunho da igreja. A Bíblia ensina que a disciplina tem de ser uma prática amorosa e corretiva. “Ensina a criança no caminho que deve andar.” A Bíblia diz o Senhor “disciplina a quem ama” (Hb 12.6 e Ap 3.19 - paidéia). Portanto, este é o primeiro documento claro sobre disciplina no Novo Testamento e indica o cuidado de Paulo com a igreja. O cristão sábio acata a disciplina como sinal da graça divina.

## 3. A PASSIVIDADE DA COMUNIDADE (5.1-5) LEVA PAULO A PROPOR UM REMÉDIO CONTRA O MAL DA IMORALIDADE

A comunidade está consentindo com um problema gravíssimo, não encontra-

do entre os pagãos. Uma pessoa da igreja está tendo um relacionamento com a própria madrasta (v. 1). O texto de Levítico 18.7-8 proíbe o casamento entre madrasta e enteado (os romanos também seguiam esta mesma linha). A mulher de Corinto que estava se deitando com o enteado provavelmente era viúva. Caso fosse divorciada, também não teria amparo na lei judaica, conforme já assinalado. Sendo assim, Paulo lamenta o consentimento da comunidade à prática imoral destes membros (v. 2). Paulo não está na comunidade, mas espiritualmente decreta a sentença disciplinar, com a comunidade. É o seu pai e tem a autoridade de Cristo (é cooperador, ministro e administrador da igreja) e, em “espírito”, sua orientação, em “nome de Jesus” (v. 4), recomenda que este irmão seja entregue a Satanás, para a destruição do seu corpo e a salvação da sua vida (v. 5). Neste sentido, Carrez (1993, p. 31) explica: “O fato de ser entregue a Satanás suspende, sem anular totalmente, os resultados da justificação. Não é, pois, nem o apóstolo, nem a comunidade que executam a sentença. A pena é como que uma receita médica que terá por finalidade reconduzir o pecador à salvação”.

## 4. O FERMENTO E A MASSA (5.6-8)

O fermento é símbolo de impureza (com exceção de Mt 13.33 e Lc 13.21). Basta um pouco de fermento para contaminar o todo. Por isso, o pão “ázimo” (sem fermento) é símbolo de pureza e de verdade. Paulo recomenda a igreja de Corinto a lançar fora o “fermento da impureza”. Jesus é o cordeiro pascal e, na festa da Páscoa que está por vir, a igreja deve se purificar tratando o pe-

cado da imoralidade praticado em seu meio. O que a festa da Páscoa simbolizava (ver Ex 12.19; 13.7; Dt 16.3), com o abandono do velho fermento, assim o é a vida do cristão que se fez “nova criatura” em Cristo (2Co 5.17). “Antes da Páscoa se devia eliminar os últimos restos de levedura. Assim, pois, Paulo toma esta imagem. Diz que nosso sacrifício — Cristo — foi realizado; foi o seu sacrifício que nos libertou do pecado, assim como Deus libertou os israelitas do Egito. Portanto — continua — devemos tirar de nossas vidas os últimos rastros de maldade. Se deixarmos que uma má influência penetre na Igreja, pode corromper toda a sociedade, assim como o fermento penetra em toda a massa. Aqui, mais uma vez, nos encontramos com uma grande verdade prática. Às vezes, é preciso exercer a disciplina pelo bem da Igreja. Nem sempre é bom fechar nossos olhos perante as ofensas; elas podem nos prejudicar. O veneno deve ser eliminado antes de que se expanda. A erva daninha deve ser arrancada antes de poluir toda a terra” (Barclay).

##### **5. A RELAÇÃO COM AQUELES QUE SE COMPORTAM MAL (5.9-13)**

O problema não era apenas o fato do irmão ter se envolvido com a maldade e praticado a imoralidade. A dificuldade de Paulo é entender como a igreja consente com a imoralidade praticada e, ainda, elenca uma lista de vícios existentes na igreja (vv. 10.11).

Estar em Cristo é ser “nova criatura”, deixando as coisas do paganismo para trás, e se enchendo da medida de Cristo. Como os membros da igreja po-

dem se associar com pessoas que ainda carregam tais práticas? O que fazer, neste caso? Paulo expõe a disciplina de não se associar com pessoas impuras, idólatras, avarentas.

A comunidade deve aprender a julgar seus próprios erros (v. 12). Ao debate sobre a disciplina, Paulo soma algo importante: os crentes não são chamados a “julgar o mundo”. As pessoas sem Deus estarão diante do tribunal de Cristo. O apóstolo, pelo contrário, ensina que a comunidade cristã deve dar conta de si própria praticando o bom testemunho ao mundo, que, no caso, começa com a disciplina que é o “julgar-se a si próprio”.

O pão com fermento deve ser eliminado do meio da comunidade! O pecado deve ser abandonado. A igreja não pode consentir com o mal. Vejo nesta figura a condenação à associação com pessoas que não seguem os padrões da Palavra de Deus.

##### **CONCLUSÃO**

Paulo deixa uma lição importante sobre a santidade. Há um remédio para a caminhada cristã reta e salutar: a disciplina. A igreja do Senhor não caminha em conformidade com o mal. Um problema na igreja deve ser tratado com seriedade. Os membros não podem consentir com o pecado.

Se há alguma falta na igreja, a pessoa que a praticou deve ser denunciada, tratada e acompanhada.

Se há pecado na igreja, o fermento da maldade deve ser abandonado;

A Igreja de Jesus não pode nem deve caminhar com os impuros; os crentes que conhecem as pessoas mundanas devem exortá-los à santidade.

Não é papel da igreja rechaçar as pessoas do mundo, mas corrigir a si própria e entregar o mundo aos cuidados de Deus.

A disciplina tem a função de aperfeiçoar a igreja e aos faltosos. Não é punição vazia ou ódio às pessoas que erraram, mas amor decidido, fervoroso e criterioso.

**TEXTO BÁSICO:***1 Coríntios 6.1-11***TEXTO CENTRAL:***“O só existir entre vós demandas já é completa derrota para vós outros.**Por que não sofreis, antes, a injustiça? Por que não sofreis, antes, o dano?”*  
(1 Coríntios 6.7)**LEITURAS  
BÍBLICAS**SEGUNDA

Isaías 1.10-20

TERÇA

Miquéias 2.1-5

QUARTA

1 Timóteo 6.17-19

QUINTA

Tiago 4.1-10

SEXTA

Mateus 5.1-12

SÁBADO

Efésios 4.25-32

DOMINGO

Números 11.16-24

**INTRODUÇÃO**

Na lição anterior, destacou-se a importância da santidade na vida pessoal. Neste estudo, o texto de 1 Coríntios 6.1-11 destaca a santidade na vida dos relacionamentos cotidianos (nos negócios especialmente).

Os coríntios estão longe de ser uma comunidade louvável e nos moldes desejados por Paulo. Há entre eles divisões que paralisam o trabalho da igreja. No seio da comunidade, há imoralidade gritante; e os coríntios também têm paixão pelo dinheiro, na afirmação dos direitos próprios em detrimento dos alheios. A rivalidade nos negócios traz consequências graves para a igreja: processos judiciais nos tribunais pagãos.

Paulo chama a atenção da igreja para alguns problemas que surgem como consequência dessas demandas e afirma que a igreja deve ter um comportamento diferente.

**1. OS PROBLEMAS NA IGREJA SÃO INDÍCIOS DE DESOBEDIÊNCIA (VV. 7-10)**

É uma vergonha e falta de testemunho para a Igreja de Corinto o fato de haver demandas judiciais entre seus membros, pelo fato de alguém na igreja promover a injustiça. Paulo diz: “Os injustos não herdarão o reino dos céus” (v. 9).

É uma derrota o fato de existir demandas na igreja (v. 7). O cristão não promove a demanda, mas sofre o dano e a injustiça por causa de Jesus Cristo. A cruz é para Paulo o modelo de procedimento a ser seguido: Jesus Cristo na cruz não é o injusto, o malfeitor, mas o injustiçado, o oprimido, aquele que aguarda a justiça de Javé. Portanto, Paulo não ensina que o cristão deve sofrer a injustiça sem se posicionar contra ela, mas

não pode ser o promotor da injustiça em hipótese alguma e, ainda, caso haja demanda na igreja, tem de se comportar de uma maneira exemplar e seguir os costumes da tradição judaica.

O fato de haver injustiça na igreja e demandas é a denúncia de uma comunidade ávida pelo dinheiro, pelas relações ilícitas. Pessoas estão sendo lesadas na comunidade por causa do comportamento de alguns membros desobedientes e injustos.

## 2. O LUGAR DE RESOLVER OS LITÍGIOS (vv. 1-6)

Os processos não devem fazer parte do cristianismo. Pelo contrário, os cristãos devem promover a justiça e não as contendas. Mas, caso haja problemas a serem resolvidos, a quem devem recorrer?

Uma recomendação é lembrada por Paulo, em detrimento da tradição judaica: quem julga os processos do povo de Deus não são os ímpios, mas os sábios da comunidade. No Antigo Testamento, os portões são o local da justiça, e os anciãos de Israel, com a sabedoria que possuem e a vida exemplar de justiça que adquiriram a partir da experiência com Javé, são os juizes do povo. O Espírito de Javé está sobre os juizes e estes devem julgar com equidade e sabedoria. Moisés julgava o povo no Antigo Testamento e, por causa das demandas, constituiu mais juizes para ajudá-lo.

Os coríntios não estão seguindo os costumes da tradição. Ao contrário, estão procurando os “injustos” para julgarem suas causas. Os cristãos terão uma posição de glória na revelação de Jesus

Cristo: vão julgar, com o Senhor, os próprios anjos. Como poderão ser julgados pelos ímpios?

A igreja deve ter um tribunal para o julgamento dos processos entre os cristãos! Sábios (líderes com testemunho) são designados para resolver as demandas entre os cristãos. A sinagoga tinha seus tribunais e Israel tem o sínédrio como o “tribunal de última instância”.

Em especial, o verbo “julgar” adquire para Paulo um sentido “escatológico”. Aparece sete vezes, e está associado ao julgamento escatológico (Mt 19.28; Dn 7.22). Os cristãos estarão ao lado de Cristo, o juiz do tribunal do último dia, para julgar o mundo e os anjos caídos.

Paulo recorreu aos tribunais romanos quando foi necessário (At 16.36-39; 22.25-29; 25.10-12; Rm 13). Porém, nestes casos, sua dificuldade estava no âmbito da injustiça sofrida pelos não crentes por causa do avanço do evangelho.

Nos relacionamentos e nos negócios na atmosfera eclesial, Paulo apela para a pertença do cristão a Jesus Cristo e a nova vida adquirida pela cruz, no batismo e na conversão (v. 11). Sendo assim, Paulo ensina que a injustiça não pode fazer parte da igreja.

O crente como “nova criatura” não poderia promover a injustiça, mas, caso na igreja venha a existir as demandas, a instância de julgamento precisa ser a própria comunidade de fé na figura de líderes sábios e justos.

## CONCLUSÃO

Carrez (1988, p. 33-34) diz: “Pelo fato de serem tratados por crentes, as questões de dinheiro não são mais apenas ‘negócios’ no sentido corrente e financeiro do termo. Eles, que participaram do tribunal de Cristo, devem viver de modo tal que não compareçam diante de nenhum tribunal”.

As implicações práticas deste estudo nos remetem a algumas considerações:

- a. A teologia dos dias atuais acentua o valor do dinheiro e diminui a importância da justiça. Segundo tal teologia, um cristão, para poder conseguir aumentar seu capital, pode ser injusto em seus negócios, desde que seja próspero e “abençoado”. Isto é um grave erro na visão de Paulo em sua carta aos coríntios. O cristão deve, por causa da justiça, até ser perseguido, injustiçado e sofrer por sua obediência ao mandamento do amor recebido por Cristo.
- b. Os cristãos devem ser generosos. O fato de haverem demandas provém também de falta de generosidade. Alguns cristãos de ontem e de hoje são apegados ao dinheiro e, para tê-lo, desobedecem a lei de Deus e a lei do amor pregada por Jesus Cristo. São promotores dos problemas e do mau testemunho nas comunidades cristãs.
- c. Os cristãos necessitam de líderes confiáveis (sábios e conciliadores). Pastores(as) e presbíteros(as) devem ter a maturidade necessária para conciliar, julgar e dirimir os problemas da comunidade.
- d. Penso que as demandas nos negócios e afins também podem fazer parte da agenda dos conselhos das igrejas locais. Buscar a conciliação na própria comunidade de fé, em um primeiro momento, é uma atitude sábia. Dentro desta perspectiva, os líderes com um perfil de imparcialidade são necessários. Sem “politicagem”, mas com amor, os pastores, o conselho e os líderes envolvidos em um julgamento não podem temer se posicionar em favor da justiça; a falta de posicionamento dificulta a resolução das demandas na igreja. Neste sentido, não pode haver pessoas privilegiadas nos julgamentos.
- e. Caso não haja conciliação na própria igreja, procurar a justiça não fere as Escrituras. Não somos uma sociedade “teocrática” – onde os pastores são juizes do Estado. Sendo assim, o judiciário é a parte dos poderes constituídos pelo Estado para resolver os conflitos e demandas. Portanto, não havendo a conciliação dentro da própria igreja, o cristão não peca ao procurar a justiça para resolver seu conflito.
- f. Os cristãos necessitam respeitar seus líderes. Uma das grandes dificuldades da igreja não é apenas a falta de preparo dos líderes para lidarem com as demandas dos crentes. Soma-se a isto o fato dos crentes serem insubmissos aos seus líderes, não respeitando as decisões, as opiniões e conselhos aplicados por pastores (as) e presbíteros (as). Na igreja primitiva

e no judaísmo, os líderes (juízes, rabinos, anciãos, sacerdotes) eram tratados com respeito. Jesus se comporta com respeito diante do sumo sacerdote (mesmo sendo o grande injustiçado). Paulo, ao saber que está diante do sumo sacerdote, se retrata diante de uma palavra mal dirigida a esta autoridade. Não há uma “áurea” sagrada nas autoridades. Os líderes podem errar, ser parciais e injustos. Mas, via de regra, os líderes são constituídos para a justiça e serão cobrados no tribunal de Deus pela sua atuação. Os profetas acusaram

duramente líderes corruptos (sacerdotes, reis e demais autoridades). A literatura profética é vasta e corrobora a responsabilidade de quem tem a incumbência de promover a justiça. Sendo assim, os líderes devem ter o temor de Javé para julgar e o povo conferir a credibilidade bíblica para que os líderes possam executar o seu trabalho

- g. Santidade também deve fazer parte dos negócios! Esta é a mensagem que subjaz na pregação de Paulo aos coríntios.

**TEXTO BÁSICO:***1 Coríntios 6.12-20***TEXTO CENTRAL:***“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas”. (1 Coríntios 6.12)***LEITURAS  
BÍBLICAS**SEGUNDA

Colossenses 3.1-11

TERÇA

Tessalonicenses 4.1-8

QUARTA

Filipenses 4.8

QUINTA

1 João 2.15-17

SEXTA

Marcos 7.21-23

SÁBADO

Romanos 12.1-2

DOMINGO

Ezequiel 36.22-27

**INTRODUÇÃO**

É comum as pessoas dizerem assim: “Eu faço o que eu quero e ninguém manda em mim”. Ou também externarem seus desejos pessoais com a seguinte afirmação: “Ninguém tem nada a ver com a minha vida”.

O ser humano não é tão livre quanto pensa! Analisando do ponto de vista psicológico, sempre alguma força (vontade) governará o “ego” de uma pessoa.

Muitas pessoas na igreja pensam, de maneira velada, que são “livres” para fazer o que desejam. Às vezes, não possuem a coragem de externar ou defender este ponto de vista, mas, na prática, acabam por deixar evidente esta atitude: de que são livres para fazerem o que o corpo deseja.

**Quais os limites da liberdade cristã?**

Em Corinto, prevaleciam alguns dos posicionamentos dos filósofos gregos, que, comumente, desprezavam os seus corpos. Havia um ditado que dizia: “O corpo é uma tumba”. Epiteto dizia: “Sou uma pobre alma encadeada em um cadáver”. Sócrates considerava o corpo como a prisão da alma. Nesta linha de pensamento a alma era o mais importante e não havia nenhuma relação entre o “corpo” e a “alma”.

Os gregos eram capazes de seguirem duas linhas opostas de pensamento. Ou caíam em um ascetismo rigoroso no qual o objetivo era “matar o próprio corpo” e seus desejos, ou a libertinagem de deixar o corpo satisfazer todos os seus apetites.

O problema da Igreja de Corinto era justamen-

te o segundo. Os irmãos da comunidade eram adeptos do “dualismo”, e pensavam que o que o corpo fazia não interferia na espiritualidade. Chamamos isto de “dualismo gnóstico”. Este pensamento é claramente expresso no início do v. 1: “Todas as coisas me são lícitas”.

Diante destes questionamentos, podemos nos perguntar: Quais são os limites da liberdade? Qual a relação entre o corpo e a espiritualidade? O que o corpo realiza reflete na espiritualidade própria?

### 1. O CORPO PERTENCE A DEUS!

O limite da liberdade cristã está no fato de que o corpo do cristão não pertence a si mesmo, mas a Deus. Nesta visão teológica, podemos considerar algumas verdades sobre o nosso corpo, na sua dimensão espiritual de controle do Espírito Santo.

- a. Deus é Senhor do corpo. Todas as coisas são lícitas, mas nem tudo convém. Porque quem governa o corpo é o Espírito Santo (vv. 15,17,19). Paulo utiliza os símbolos de que “somos membros do corpo de Cristo”. Essa é a teologia de Paulo sobre a igreja. Cristo é o Senhor e os cristãos são os membros do corpo. Quem comanda a igreja é Cristo. Por isto, a união com a imoralidade denota o governo do pecado no corpo do cristão, algo inaceitável para Paulo.
- b. O corpo será preservado por Deus. Os alimentos são para o estômago. O corpo deseja os alimentos e se apropria deles, mas o Senhor destruirá o estômago e os alimentos (v. 13). Porém, o Senhor não destruirá o corpo.

No dia da ressurreição, os cristãos terão seus corpos, ou seja, seus centros de personalidade devolvidos. Assim como Jesus ressuscitou, os cristãos também ressuscitarão. Por isso, os corpos não são para a imoralidade, pois serão preservados para o Senhor Jesus Cristo.

- c. O corpo foi comprado (v. 20). O corpo não pode ser banalizado. Jesus morreu por causa da igreja e sua morte na cruz não permite que o corpo seja entregue ao pecado e à imoralidade.
- d. O corpo está a serviço da glória de Deus (v. 20b). O corpo é um poderoso instrumento de trabalho para o reino de Deus. Com o corpo podemos servir a Deus, testemunhar a respeito de sua redenção, ou dar um péssimo testemunho de libertinagem. A liberdade cristã conduz o corpo para a glória de Deus e não para o pecado.
- e. O cristão deve governar o seu corpo. Já tratamos, anteriormente, a respeito do senhorio de Cristo sobre o corpo. Sendo assim, se Cristo é dono do meu corpo, devo submetê-lo ao senhorio de Cristo. O corpo redimido por Cristo deve subjugar o pecado e não ser escravizado por esta força vil e destruidora.

### 2. O CORPO DEVE SER SANTIFICADO A DEUS!

Sendo que o corpo foi comprado por Cristo na cruz, o cristão está em união com Cristo e não com o pecado. Quais as implicações práticas deste vín-

culo do cristão com o Senhor? Vejamos algumas delas:

- a. Com o corpo nos relacionamos com Deus. Jesus é Senhor do corpo e da nossa existência. Portanto, a união deve ser com o Senhor e não com a imoralidade. Se o cristão se unir à prostituta, torna-se uma só carne com ela. Este argumento de Paulo evoca a criação (Gênesis). O casamento é mais do que uma união de corpos, mas um processo de espiritualidade. Formar uma “só carne” é algo espiritual. Sendo assim, o cristão deve ter um relacionamento de intimidade com o Senhor Jesus e não com o pecado da imoralidade. Como poderia se unir a Cristo e a uma prostituta? Neste sentido, o crente, para Paulo, deve ter ações que o levem a estar mais perto de Cristo. A espiritualidade conduz o crente à intimidade com Jesus. Podemos citar, como atitudes de intimidade, a oração, a leitura das Escrituras, a prática das boas obras, o louvor a Deus e o amor à cruz de Cristo.
- b. Com o corpo nos relacionamos com as pessoas. Por isso, Paulo ensina que não é possível se unir a pessoas que são símbolos do pecado – no caso, à prostituta. É uma união corpórea de intimidade. Também podemos dizer que quem se une ao mentiroso, ao escarneador, ao blasfemo e ao incrédulo em suas ações e pensamentos torna-se uma só carne com ele. Tiago não fala tanto da imoralidade sexual, mas exprime seu desagrado por uma congregação que tem problemas na área dos relacionamentos:

brigas, falatórios, fofocas, rixas, etc. Todas estas atitudes são mundanas para a Bíblia.

## CONCLUSÃO

O cristianismo não é dualista: ele não divide o ser humano em “corpo e alma”. Para o cristianismo – que tem sua herança do judaísmo – o ser humano é uma totalidade, e a integralidade faz parte da visão bíblica. Portanto, não é possível pensar que a alma é o “compartimento” do ser humano que revela a sua espiritualidade e o corpo é o “compartimento” que se relaciona na sua cotidianidade. Ao contrário de uma divisão, a unidade do ser humano é o alvo da ressurreição de Jesus Cristo, que une o ser humano a Deus, o corpo e o espírito, e que quebra todas as divisões do ser humano.

Barclay diz que, uma vez que o Espírito Santo passou a habitar no cristão, o corpo se tornou “sagrado”. O corpo do cristão é santo. Cristo morreu para salvar o ser humano em sua integralidade, ou seja, “o corpo e a alma”. Uma vez que Cristo salvou o corpo da destruição e da perdição eterna, ele faz uma exigência: “Glorificai a Deus em seus corpos”.

- c. Como cristãos, glorificamos a Deus em nossos corpos ou somos envergonhados pelas paixões infames do nosso corpo?
- d. Nosso corpo está a serviço de Cristo ou do pecado?
- e. Nosso corpo é um veículo de espiritualidade ou de carnalidade?
- f. Nosso corpo é santo ou profano?

# A PUREZA DAS VOCAÇÕES NA IGREJA

## TEXTO BÁSICO:

1 Coríntios 7.1-40

## TEXTO CENTRAL:

*“Quero que todos os homens sejam tais como eu também sou; no entanto, cada um tem de Deus o seu próprio dom; um, na verdade, de um modo; outro, de outro [...] Cada um permaneça na vocação em que foi chamado”.*  
(1 Coríntios 7.7,20)

## LEITURAS BÍBLICAS

### SEGUNDA

Gênesis 2.18-24

### TERÇA

Efésios 5.22-32

### QUARTA

Colossenses 3.18-21

### QUINTA

Mateus 19.3-11

### SEXTA

Deuteronômio 10.17-18

### SÁBADO

1 Timóteo 5.3-11

### DOMINGO

Deuteronômio 14.28-29

## INTRODUÇÃO

O que é vocação? Na Bíblia, esta palavra aparece como “chamado”. É uma convocação de Deus para as pessoas. Deus chamou pessoas para serem casadas e pessoas para serem celibatárias. Algumas pessoas se dedicam exclusivamente ao serviço do evangelho e outras não se dedicam integralmente.

Deus chamou pessoas livres e pessoas escravas à fé no Senhor Jesus Cristo. Deus chamou pessoas cujo cônjuge não é da mesma fé e Deus chamou casais a servirem a Deus. Deus chamou viúvos e Deus chamou pessoas virgens para o ministério.

Paulo trabalha todos estes chamamentos no capítulo 7, respondendo aos questionamentos dos coríntios: “quanto ao que me escrevestes” (7.1a). Tem em mente o problema da má compreensão do corpo em Corinto pelos gnósticos ou pelos ascetas (que possuem um ideal de santidade exacerbado e se afastam das relações cotidianas).

Os gnósticos supervalorizavam a imaterialidade em detrimento das boas obras, a ponto de não se importarem se um membro da igreja se deitava com a própria madrastra ou uma prostituta. Outro grupo, os ascetas, desvalorizava o corpo e negava por completo o casamento. Paulo responde a estes grupos e acrescenta alguns tópicos à discussão, como a viuvez, o chamado a Cristo na escravidão e a esperança do futuro.

O capítulo é extenso e não dá para ser esgotado em poucas páginas e em curto tempo. Portanto, vamos tratar resumidamente de três

temas importantes: celibato, casamento e viuvez.

## 1. O CELIBATO (VV. 6, 8, 25-35)

Vamos, primeiramente, destacar a importância do celibato na igreja.

No v. 7, Paulo fala que cada um tem um “carisma”, ou seja, um “dom” do Espírito Santo. O celibato é um “dom” de Deus. Paulo fala de si mesmo no v. 8 que está traduzido por “sem mulher” ou “solteiros” (ágamos). Segundo Carrez (1988, p. 36), o termo designa uma pessoa que foi casada e vive sem mulher: divorciado ou viúvo. Outro termo é utilizado para celibatário que é parthenos, que quer dizer “virgem”. Podemos observar que os termos indicam pessoas que foram chamadas à fé cristã e estão privadas do convívio marital.

Os estudiosos da Bíblia dizem que o apóstolo Paulo foi casado. Um rabino não podia ser ordenado sem antes estar devidamente em dia com as obrigações da lei de Moisés. Um homem solteiro não tinha credibilidade para ensinar a Torá. Portanto, Paulo se apresenta em Corinto como “solteiro” ou “sem mulher”, e podemos especular sobre sua condição: ou era viúvo ou se separara de sua esposa por causa da fé cristã. Nossa opinião é a de que Paulo foi casado e sua mulher faleceu (Joachim Jeremias).

Paulo não despreza o casamento, mas diz que aquele que foi chamado ao serviço cristão seria melhor que não se casasse – ou seja, aquele que tem “vocação” para tal. Aquele que não domina o próprio corpo e não está apto a viver sem mulher (ou é viúvo ou se separou

de sua mulher por causa da fé cristã) deve se casar ao invés de viver abraçado (com desejo) – (v. 8). Se não tem autocontrole, que se case para não incorrer na imoralidade e dar mau testemunho perante a sociedade.

Em 1 Coríntios 7.25, Paulo utiliza o termo parthenos, que quer dizer “virgem”. Paulo aconselha aos que ainda não se casaram a não contrair matrimônio. Quer poupar os jovens dos problemas relacionados ao casamento. Paulo utiliza o termo angústia (aflição) na carne (v. 26). Paulo estaria desprezando o casamento ao não o recomendar? Já vimos que Paulo faz parte da tradição judaica, que exalta o casamento e valoriza a virtude da família. Já sabemos que Paulo foi um rabino conceituado. Será que havia mudado seu pensamento sobre uma área tão importante? Na carta aos Efésios, Paulo compara o casamento à “união de Cristo com a igreja”. Nos vv. 29-34, Paulo deixa transparecer sua visão escatológica. Não mudou seu pensamento sobre a família, mas sobre o “tempo”.

Para o apóstolo, Jesus está às portas e voltará rapidamente. Não há tempo para pensar em mais nada a não ser na volta de Cristo. Quem está solteiro não tem tempo para pensar em se casar. É preciso trabalhar com grande expectativa pela chegada do Reino de Deus. Paulo utiliza o termo “o tempo está abreviado” (v. 29). O trabalho do Senhor Jesus é o mais importante. Os bens não são perenes; os que estão casados não devem desfazer esta condição, mas devem entender que toda a aparência do mundo passa, pois o casamento e os bens são

passageiros (vv. 29-31).

Aquele que possui o “dom” para permanecer solteiro e servir ao Senhor nesta condição está em certa vantagem. Paulo explica isto nos vv. 32-34. Os casados cuidam da família – não estão divididos entre o trabalho do Reino e a família. Quem está solteiro tem todo o tempo para cuidar das coisas do Senhor. Quem está casado deve manifestar a responsabilidade do matrimônio: marido e esposa devem se cuidar mutuamente e agradar um ao outro.

Por isto, queremos refletir brevemente sobre o celibato do ponto de vista católico e protestante. Os católicos tendem a desvalorizar o casamento do clérigo. O clérigo (padre ou bispo) é obrigado a se tornar celibatário. Paulo escreve que o celibato não é um “mandamento” e, sim, um “dom” (charisma) para os que servem na igreja, mas não uma “norma”: “E isto digo por concessão e não por mandamento. Quero que todos os homens sejam tais como também eu sou (Paulo); no entanto, cada um tem de Deus o seu próprio dom (charisma); um, na verdade, de um modo; outro, de outro” (7.6-7). A pessoa solteira tem mais tempo para servir à igreja e às pessoas. Isto é verdade. Mas nem todos possuem este dom do Espírito Santo. A tradição da Bíblia não despreza o casamento. Antes, ensina que um mestre da Lei deve ser casado e ter família. Portanto, ainda que Paulo sinalize para a importância do celibato dos que trabalham nas coisas do Senhor, ainda assim diz que é um “dom” do Espírito e não despreza o casamento como “dom” de Deus para o ser humano.

O protestantismo, por outro lado, despreza o celibato e o vê até como uma prerrogativa fora da Bíblia. Um pastor sem família não tem autoridade na igreja protestante. A igreja em geral, porém, se comporta como se o ministro fosse celibatário: quer um pastor casado, mas com o tempo disponível de uma pessoa celibatária. Muitas das “disputas” entre pastores e igrejas estão no mau entendimento da vocação pastoral para os casados: o pastor com família deve agradar a esposa (e os filhos) e não a comunidade de fé! Seu tempo primordial é da família e não da igreja!

Os protestantes devem compreender que há pessoas que tem o “dom” do celibato e, ainda sejam pastores solteiros, merecem o respeito da comunidade de fé. Na visão de Paulo, essas pessoas estão em vantagem porque dispõem de mais tempo para o serviço do evangelho. O celibato é bíblico também. Jesus diz que algumas pessoas, por um dom especial, se fizeram eunucos pelo Reino de Deus (Mt 19.11-12). O celibato não pode ser motivo de escândalo e de aprisionamento. É um dom especial de Cristo para algumas pessoas.

## 2. O CASAMENTO (VV. 2-6. 10-16)

Sobre o casamento Paulo tem algumas recomendações.

Deus criou o casamento. Ele criou “o homem e a mulher”. Deus formou a família. O sexo não é desprezado na Bíblia. Pelo contrário, Deus criou o sexo para abençoar o homem e a mulher. Por causa da porneia (da imoralidade) os homens e as mulheres são chamados ao casamento (v. 2). Ou seja, o casamento

é santo e para a santificação do ser humano.

Paulo não diz que o casamento é um segundo plano. Ele diz que o casamento é um meio de santificação. Na Carta aos Efésios, ele diz que é um “mistério”, uma “união espiritual” entre homem e mulher (Ef 5.25-32).

Há algo importante no casamento. Ao contrário da cultura machista da época de Paulo (tanto judaica, como grega ou romana), o homem e a mulher, ambos, têm o dever de ser bênçãos um na vida do outro do ponto de vista sexual. A mulher não está a serviço do homem e o homem não está a serviço da mulher. A função de ambos no casamento é abençoar a vida do outro com o sexo. Quem domina o corpo do marido é a esposa. Quem domina o corpo da esposa é o marido. Paulo expressa uma mutualidade e uma cumplicidade específica no casamento. O marido e a esposa não podem e não devem se privar do sexo a menos que seja de mútuo consentimento. Paulo utiliza como única forma de abstinência sexual a consagração à oração.

A mulher não pode utilizar o sexo como moeda de troca. E nem o marido se abster da mulher por algum problema específico. O casal não pode se afastar sexualmente um do outro, pois o casamento tem uma finalidade: a satisfação e a alegria dos cônjuges (v. 3). Na tradução de Almeida Revista e Atualizada está traduzido como “o dever do marido”. Na tradução mais literal está escrito: “o marido pague a obrigação para a esposa. Semelhantemente, a esposa

também ao marido” (Novo Testamento Interlinear).

Só há como condição à abstinência sexual no casamento: a consagração à oração. Se os dois não conseguem, devem voltar a viver normalmente para não serem “tentados” por Satanás” (v. 5). É difícil entender o termo tentação aqui. Se Paulo está fazendo referência à imoralidade do v. 2 (pornéia), isto pode ser o adultério no caso de pessoas casadas. O casal que se priva do sexo está propenso ao adultério ou às imoralidades sexuais.

No v. 27, Paulo ensina que, se alguém está casado, não se separe, mas, se está solteiro, não procure mulher. No v. 28. diz que deseja poupar da “aflição na carne”. A vida de solteiro é difícil. Mas estar casado também tem seus espinhos: a família é abençoada, mas quem deseja ter mulher (ou marido) e filhos deve estar disposto a sofrer as dificuldades da família. O casamento se configura na prática de renúncias: a mulher renuncia sua vida pelos filhos e pelo marido. O marido renuncia seus projetos pessoais e coloca a família em primeiro plano.

Paulo não tem uma compreensão negativa do casamento. Apenas sinaliza que o casamento e a formação da família demandam do ser humano tempo de qualidade para a dedicação do marido à esposa e aos filhos. Ter família é abdicar de projetos pessoais para o cuidado do outro – o cônjuge e os filhos.

Outro tema importante tratado por Paulo é o divórcio. O casamento para Paulo é indissolúvel. Paulo viveu em

uma sociedade imoral e sem compromisso – a sociedade de Corinto. Certamente, o apóstolo recorda-se no seu ensino das palavras de Jesus sobre o divórcio (conforme registradas em Mateus 19.3-11). Não é para o marido se separar da mulher nem a mulher do marido. Os rabinos tinham duas interpretações sobre o divórcio. Um grupo dizia que somente as relações sexuais ilícitas permitiam ao homem se divorciar da mulher. Outro grupo dizia que, se a mulher fizesse uma indecência (pornéia) que não fosse da ordem sexual, o marido estava nas condições de fornecer carta de divórcio para a esposa. Jesus ensina que o casamento é indissolúvel e que o divórcio existe por causa da dureza de coração do homem e da mulher. Paulo, na mesma direção, ensina que quem se casou deve se reconciliar ou viver sem contrair um novo casamento. Paulo abre apenas uma concessão à separação: quando um dos cônjuges não confessa a fé cristã. Mas Paulo não incentiva o divórcio mesmo nestes casos. Ele ensina que o cônjuge cristão santifica o outro. Não é motivo de separação o fato de um dos dois serem impuros. O divórcio, neste caso, seria, a meu ver (e destaco bem como minha opinião), uma possibilidade frente a apostasia. Se o cônjuge obriga o outro a se afastar da fé cristã e negar o nome de Jesus, somente neste caso vejo uma possibilidade para a separação. Neste caso, o cristão, por causa da sua fé, está resguardado e não incorrerá em erro ao ter seu casamento terminado. A fé cristã, somente nestes aspectos, é mais importante que o casamento. Este é o ensinamento de Paulo acerca do divórcio.

### 3. A VIUVEZ (vv. 39-40)

Nos vv. 39-40, Paulo fala sobre as viúvas. No Antigo Testamento, a primeira vez que aparece o termo “viúva” é em Gênesis 38.11, no relato de Judá com sua nora, chamada de viúva após a morte de seu marido. Deus expressa um grande cuidado com as viúvas: Deus ouve o clamor destas mulheres (Êx 22.21.22) e Deus executa justiça em favor delas (Dt 10.18). Deus, neste sentido, as trata com compaixão excepcional por serem pessoas indefesas. Javé é juiz das viúvas (Sl 65.5(6)). Deus trata as viúvas com a mesma consideração que os órfãos (Sl 146.9) e protege a herança destas mulheres (Pv 15.25).

“Devido à solicitude de Deus para com as viúvas, o povo era quase sempre exortado a proteger e a prover para as viúvas, sendo cuidadoso ao executar justiça em favor delas. O povo era abençoado quando supria as necessidades das viúvas (Dt 14.29). Os líderes tinham a responsabilidade de defendê-las, tendo o cuidado de que a justiça fosse feita (Is 1.17.23). A razão desta preocupação é evidente. As viúvas eram quase sempre idosas, tinham poucos recursos, sendo presas fáceis de pessoas inescrupulosas”. (Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, p. 77). Por isso, Paulo exorta a igreja a cuidar das viúvas (1Tm 5.3-11). Jesus conta a história de uma viúva pobre que deu tudo o que possuía em oferta no gazofilácio no templo.

Ao abordar o tema das viúvas, portanto, Paulo ensina que a mulher está casada até a morte do marido. A única forma de dissolver o casamento (ex-

ceto por adultério ou abandono de um dos cônjuges por causa da fé cristã) é a morte do cônjuge. Este entendimento de Paulo está de acordo com Romanos 7.2-3 que diz: “Assim a mulher casada está ligada por lei ao marido enquanto ele vive; se o marido vier a falecer, ficará livre da lei do marido. Por isso, estando vivo o marido, ela será chamada adúltera, se for viver com outro homem. Se, porém, o marido morrer, ficará livre da lei, de sorte que, passando a ser de outro homem, não será adúltera” (Bíblia de Jerusalém).

Quanto às viúvas, Paulo tem dois conselhos.

O primeiro é que as viúvas, ao resolverem se casar novamente, não procurem um marido que não seja cristão. Paulo utiliza a expressão “no Senhor apenas” (v. 39). O marido apropriado para uma mulher que ficou viúva na igreja é um homem da própria igreja. Se o casamento entre um cristão e uma pessoa não cristã é difícil de ser conciliado, muito mais um casamento entre uma mulher que já teve um marido cristão e ficou sozinha. Neste caso, Paulo reconhece que a mulher viúva deve buscar “no Senhor” uma pessoa para se casar novamente.

O segundo conselho de Paulo é que as viúvas permaneçam como estão. Ou seja, que não se casem novamente. Elas possuem o direito, mas Paulo ensina que, na sua visão, a mulher será mais feliz se não se casar novamente. Se Paulo estava centrado na volta de Jesus como o epicentro da sua pregação, a senhora idosa também vai dispor de mais tem-

po para o trabalho do Senhor, se não se não contrair novo casamento. A mulher deve agradar o marido, mas pessoas solteiras (viúva ou virgem) terão maior disponibilidade de tempo para dedicar às coisas da igreja.

## CONCLUSÃO

Há um chamado de Deus para os irmãos da comunidade de fé. Alguns foram chamados para serem consagrados integralmente ao ministério cristão – e o fazem sendo celibatários. Alguns foram chamados para se casar e cuidar da esposa (ou do marido) e dos filhos. Outros foram chamados, após interromper o casamento, a continuar viúvos para se dedicarem no serviço a Deus.

Há um chamado para todos. Paulo enfatiza que este chamado deve ser exercido com santidade e amor. Os viúvos (são aconselhados por Paulo) a dedicarem o seu tempo a Deus e devem ser alvo do cuidado da comunidade cristã – especialmente quando estão desamparados.

# A LIBERDADE COM FIDELIDADE NA IGREJA (1)

## TEXTO BÁSICO:

1 Coríntios 8.1-13

## TEXTO CENTRAL:

*“Vede, porém, que esta vossa liberdade não venha, de algum modo, a ser tropeço para os fracos”. (1 Coríntios 8.9)*

## LEITURAS BÍBLICAS

### SEGUNDA

Romanos 14.1-11

### TERÇA

Romanos 14.13-14

### QUARTA

Gálatas 4.13-14

### QUINTA

Atos 10.9-16

### SEXTA

Colossenses 2.20-23

### SÁBADO

Tiago 3.13-18

### DOMINGO

Levítico 19.18

## INTRODUÇÃO

Corinto era uma cidade pagã. Portanto, havia em sua cultura a prática de festas em honra aos deuses pagãos. Nestas festas, havia o sacrifício de carnes oferecidas às divindades. Ao olhar para a história de Corinto, pode parecer estranho esta questão vir à baila na igreja, pois o que faria um cristão em um banquete aos ídolos?

Não fazer parte dos banquetes é correr o risco de ser rechaçado no trabalho ou na vida social. Parece haver um problema para a congregação que não deseja pagar o preço da perseguição. Neste sentido, em algumas culturas, a fé cristã entrava em choque cultural com os cultos pagãos e idólatras, como era o caso de Corinto.

Havia segmentos da sociedade da época para os quais se fazia imprescindível a participação nos banquetes oferecidos pelos “patronos” (uma grande divindade ou chefe religioso) para poder exercer sua profissão (CARREZ, 1993). Vejamos o comentário de Carrez (1993, p. 41):

“Nos sacrifícios oferecidos aos deuses pagãos, as carnes sacrificadas compreendiam duas partes: uma, usada no sacrifício e quase sempre consumida por aqueles que a ofereciam; a outra era o excedente, deixado à disposição dos sacerdotes, que a revendiam ou mandavam revendê-la no mercado. Os judeus abominavam todo esse paganismo. Entrar em um templo pagão os manchava. Para eles não se punha, em nenhum caso, a questão de participar de banquete sacrificial pagão, fosse qual fosse o motivo. Além disso, os animais sacrificados podiam não corresponder às prescrições alimentares levíticas [...] Era também proibido aos judeus comer dessas carnes em

suas casas, se as tivessem comprado no mercado”.

O problema em Corinto, portanto, é um choque cultural entre a religião judaico-cristã que não acredita nas divindades e a vida religiosa da cidade de Corinto que é pagã. Como afirmado, para um cristão judeu que se convertera ao cristianismo era algo extremamente impensável participar de um banquete onde um animal “impuro” como o porco fosse sacrificado a uma divindade pagã.

O conflito na igreja de Corinto – expresso no cap. 8 – é a participação de alguns de seus membros nestes banquetes pagãos – ou a ingestão de carnes sacrificadas aos ídolos, por ocasião de sua aquisição no mercado.

Paulo ensina para a igreja de Corinto alguns princípios que deviam nortear o cristão em assuntos polêmicos, que consiste na “liberdade cristã” diante do paganismo e seus cultos. O cristão é livre para participar, inclusive, de banquetes pagãos. Mas sua liberdade não pode estar acima do amor cristão.

Portanto, a liberdade cristã é uma marca importante de uma igreja fiel a Jesus Cristo!

## 1. CONHECIMENTO E AMOR (8.1-3)

Alguns se julgam livres para comer as carnes sacrificadas aos ídolos por causa do seu conhecimento. Este grupo é o “grupo dos fortes”, dos líderes da igreja de Corinto, e seu slogan é “nós temos o conhecimento”. Pode ser que este grupo tenha também outro slogan

que já foi repetido por Paulo: “Tudo me é lícito” (6.12).

Esse grupo que tem o “conhecimento” é o grupo gnóstico. Sabemos que a palavra “conhecimento” no Novo Testamento é quase um termo técnico para fazer referência a um grupo que participa de uma religiosidade (religião de mistério) que julga ser a razão e o conhecimento dos mistérios do universo uma porta aberta para Deus. Esse mesmo grupo diz que o mais importante é o conhecimento e não o comportamento das pessoas. Portanto, esse mesmo grupo na Igreja de Corinto compreende que o relacionamento com uma prostituta não interfere na vida cristã; ou que um rapaz que está morando com a madrastra não desagrade a Deus.

Para os gnósticos, o conhecimento é a verdadeira porta de entrada para as coisas de Deus. Esse grupo não vê problema na participação de um banquete pagão e no seguimento de Jesus Cristo.

Paulo refuta esta tese com o ensino do “amor” a Deus. O “conhecimento pelo conhecimento” torna o homem arrogante, mas o amor “edifica” (v. 1). O amor é a obediência, a entrega, o radicalismo da fé em Jesus Cristo. No livro de Deuteronômio está escrito: “Amarás o Senhor teu Deus”. Levítico 19.18 diz: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”. Portanto, o amor tem uma esfera pessoal com a divindade, e um movimento em direção ao próximo e à comunidade cristã. Ser conhecido por Deus é mais importante do que conhecer os mistérios mais secretos do universo (v. 2).

## 2. CONHECIMENTO E FÉ (VV. 4-6)

Paulo ensina algo importante para os Coríntios. O “conhecimento” não deve levar a pessoa à arrogância e à idolatria, mas à fé verdadeira no Deus único e verdadeiro: o Pai e o Senhor Jesus Cristo.

No v. 4, Paulo diz que o ídolo não é nada. O ídolo é apenas uma criação da mente do ser humano (por mais bem-intencionada que seja). Portanto, quem oferece um sacrifício ao um ídolo está cultuando o vazio, o inexistente, o nada, o próprio ser humano.

O ídolo não é nada. Existem muitos “deuses” e muitos “senhores”. Estes títulos representam para Paulo as divindades gregas (deuses) e os heróis gregos (senhores). Mas Paulo ensina que o único Deus é o Pai de Jesus Cristo, o criador do cosmos, e que Jesus Cristo que é o Senhor. “Senhor” é um título dado a Jesus que lembra o Deus do Antigo Testamento (Adonai). Representa o governo do mundo, a realeza de Deus. Neste sentido, o único Deus verdadeiro é o Pai, o Criador, e Jesus, o Senhor do mundo, cujo reino está em suas mãos!

## 3. A LIBERDADE IMPLICA O RESPEITO À CONSCIÊNCIA DO OUTRO (VV. 7-13)

O argumento gnóstico é refutado por Paulo em 8.1-6. O conhecimento não deve levar o cristão à idolatria e nem à prática da agressão à fé do irmão. Ao contrário, o “conhecimento” (a gnose) deve conduzir o ser humano a Jesus Cristo e ao Pai.

Se no v. 1 Paulo diz que “nós temos o conhecimento”, em 8.7 reconsidera

sua visão ao dizer: “Mas nem todos têm o conhecimento”. Qual o motivo de nem todos estarem esclarecidos sobre este assunto? Paulo tem duas respostas: por causa do hábito de alguns em participar dos cultos pagãos e por causa “concepção” que alguns têm sobre os ídolos.

Os ídolos são “deuses”, ou seja, diante do Deus de Israel não existem. Só existe um único Deus. Esta concepção é parte da teologia “dos fortes”. Porém, o que está em jogo não é o “conhecimento” e, sim, o “amor”. “O conhecimento deixa o ser humano arrogante, mas o amor edifica”. O argumento teológico de que o ídolo não é nada em si mesmo e, portanto, o comer carne sacrificada ao ídolo não leva o ser humano ao pecado não pode ser superior ao argumento prático e ético de que, se o comer a carne sacrificada ao ídolo escandaliza alguém da comunidade de fé, o crente deve se abster de fazê-lo.

Por isso, Paulo escreve de maneira clara: “Não é a comida que nos recomendamos a Deus, pois nada perdemos se comermos e, nada ganharemos se comermos. Vede, porém, que essa vossa liberdade não venha, de algum modo, a ser tropeço para os fracos” (vv. 8-9). A “liberdade” cristã não pode, no ensinamento de Paulo, ser instrumento de opressão. O amor deve edificar a comunidade cristã, pois é o caminho da libertação do ser humano em Cristo.

O perigo prático neste comportamento gnóstico é levar o fraco à apostasia. Jesus morreu pelo fraco na fé (v.

11) e o “saber do forte” deve corroborar esta verdade do evangelho de Cristo e não a golpear com a soberba. O pecado contra a consciência do fraco é pecado contra Cristo (v. 12). Paulo, resoluto, decide renunciar sua liberdade em favor dos fracos (v. 13) por causa do amor: “Paulo, que é forte, está pronto a ser fraco com os fracos (9.22), a se abster de qualquer carne e a renunciar sua liberdade pessoal para manifestar o amor de Cristo” (CARREZ, 1993, p. 43).

## CONCLUSÃO

É importante ressaltar alguns princípios a partir do capítulo 8 de Coríntios.

- O “conhecimento” não está acima do amor. Amar é um mandamento para com Deus e com o próximo (Dt 6.4-5 e Lv 19.18). Lutero dizia que o cristão é “livre” por causa de Cristo, mas “preso” por causa do amor. Ainda que algumas coisas estejam claras à consciência de que são lícitas e permitidas pela Palavra de Deus, por causa da fragilidade apresentada por pessoas da comunidade, deverão ser abandonadas na vida prática do cristão. Um exemplo simples é o uso do álcool. Beber com moderação e com responsabilidade não é pecado. Mas, por causa da cultura em que a igreja está inserida no Brasil, é importante que o cristão não sirva de escândalo ao alcoolista. Se não beber, não perde nada – ao contrário, ganha e ajuda a consciência da pessoa que tem dificuldade com o vício.
- O cristão que é livre usa sua liberdade para aproximar-se de Cristo.

Quanto mais o cristão conhece a Cristo, mas se aproxima dele. O conhecimento e a liberdade conduzem o ser humano a uma vida ética que não difere da Palavra de Deus. O mesmo ensinamento Paulo apregoa em Gálatas 5.14: “Quem ama cumpre a lei”. O cristão livre é maduro para comportar-se da melhor maneira possível em toda e qualquer situação. A liberdade do Espírito conduz o cristão à prática da vontade de Deus.

Conhecimento não é “poder”. Conhecimento não torna o cristão superior. Conhecimento não faz do cristão uma pessoa especial. Ao contrário, o conhecimento verdadeiro conduz o cristão a servir o próximo. Quanto mais conhecimento um cristão adquire, mas simples ele deve ser. Não é necessário conhecer “mistérios” para servir a Deus. Esse tema Paulo vai trabalhar no tocante aos dons espirituais. Já o insere neste capítulo. “Conhecer”, no sentido gnóstico ou no sentido profético, não é instrumento de poder e de eficácia cristã. O testemunho do amor é superior a todo e qualquer conhecimento – seja ele misterioso ou natural.

**TEXTO BÁSICO:***1 Coríntios 9.1-25***TEXTO CENTRAL:**

*“Não sou eu, porventura, livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor? Acaso, não sois fruto do meu trabalho no Senhor?”*  
(1 Coríntios 9.1)

**LEITURAS BÍBLICAS**SEGUNDA

Atos 9.1-9

TERÇA

Romanos 11.13

QUARTA

Números 18.8-31

QUINTA

Gálatas 1.12,15-16; 2.8

SEXTA

Deuteronômio 18.1-5; 25.4

SÁBADO

Lucas 10.3-7

DOMINGO

1 Timóteo 5.17-18

**INTRODUÇÃO**

No texto em tela, o apóstolo Paulo desenvolve uma “apologia” (defesa) (cf. v. 3) às pessoas que o interpelam, ou seja, que o acusam. No que consiste sua apologia? Certamente, defender seu apostolado, o ministério que Cristo lhe entregou.

Quando se tem em mente os ministérios (diaconia), é possível compreender que Corinto era uma igreja agraciada com os “dons espirituais”. Porém, uma das dificuldades desta igreja era o orgulho, a vaidade da comunidade que procurava os dons espirituais que projetavam o cristão e o deixavam em evidência. Esta igreja não vê o ministério como “serviço” e, sim, como “gnose” - conhecimento. Sendo assim, Paulo adverte várias vezes que o “conhecimento insufla, mas o amor edifica” (8.1; 13.4).

Paulo é questionado e vê sua autoridade sendo ameaçada.

Sendo assim, o apóstolo desenvolve uma série de argumentos e, a partir do tema da “liberdade cristã”, apresenta sua tese e a base de seu chamado ao serviço a Jesus Cristo.

Paulo foi chamado já no “segundo tempo” do campeonato. Portanto, sofreu muito preconceito e perseguição. Soma-se a isto o fato de Paulo ser um teólogo de grande envergadura, um inovador, um divisor de águas na expansão do cristianismo.

**1. A AUTORIDADE DO APOSTOLADO DE PAULO (9.1-14)**

Uma pergunta corrente na época dos profetas, de Jesus e de Paulo era o questionamen-

to da autoridade: “Com que autoridade fazes isto?”. Alguns da comunidade de Corinto, que certamente não são “os de Paulo”, o questionavam sobre quem o designou como apóstolo.

O termo “apóstolo” é técnico e designa os “doze seguidores” de Jesus. É utilizado para os líderes da igreja cristã. Em 1 Coríntios, Paulo o utiliza 10 vezes (1.1, 4; 4.9; 9.1, 2, 5; 12.28, 29; 15.7, 9). Detém este ministério por misericórdia (2Co 4.1) e deve ser sem censura (2Co 6.3), porque ele é apóstolo dos gentios (Rm 11.13). É apóstolo pela “graça” de Deus (1Co 3.10; 15.10).

Certamente, Paulo não é um dos “doze” que foram chamados pelo Jesus histórico. Porém, sua base de autoridade é legítima. À semelhança dos profetas do Antigo Testamento, Paulo é um “visionário” que vê Jesus Cristo em sua glória (At 9.1-9). O profeta Isaías disse: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos exércitos!” (Is 6.5). Paulo foi chamado pelo próprio Senhor Jesus Cristo (1Co 9.2; Rm 1.5; Gl 1.12, 15-16; 2.8). Portanto, em primeiro lugar, a autoridade de Paulo é carismática, direta e visionária (profética).

A segunda marca do apostolado de Paulo é a existência da própria comunidade (v. 2). Se os demais segmentos da igreja o questionam, a comunidade de Corinto não tem este direito porque é fruto do trabalho missionário de Paulo, seu “pai espiritual”. A credibilidade do apostolado de Paulo é a sua entrega à

causa do evangelho. Atos 20.24 diz que o evangelho está acima da sua vida.

Como poderia a comunidade questionar a autoridade de Paulo? Como poderia dificultar seu trabalho missionário lançando dúvidas tão grotescas? Como poderia levantar dúvidas e considerá-lo um “impostor”?

Como apóstolo chamado por Jesus, Paulo tem alguns direitos. Esta palavra no grego é exousia. É uma palavra que denota “autoridade”. Faz referência aos poderes angélicos ou de dominação. Por exemplo, quando Cristo diz “toda autoridade me foi dada no céu e na terra” (Mt 28.18b) o texto está usando a palavra exousia para dizer que Cristo tem o domínio, o senhorio, o controle sobre todos os poderes da terra e do céu – sobre toda a criação.

Paulo, ao utilizar este termo, está lembrando à igreja que Cristo deu diretamente a ele a autoridade sobre o povo de Deus e que, como “ministro”, goza de certas prerrogativas para trabalhar para o evangelho: a) Jesus deu a Paulo o direito de poder receber donativos e ofertas, ou seja, o sustento da igreja para poder trabalhar. O Senhor o chamou para ser apóstolo e a Lei de Moisés garantia o direito de poder “comer e beber” do sustento da igreja (Dt 18.1-5; 25.4; Nm 18.8-31). Paulo compara a si mesmo com três personagens: o agricultor, o pastor e o militar (vv. 7-8). Assim como estes trabalham e são sustentados pela atividade desenvolvida, Paulo tem autoridade para poder ser mantido pela igreja; b) Paulo lembra a ordem do próprio Senhor de quem prega o evangelho que

viva do evangelho (Lc 10.7; Mt 10.10); c) Paulo refere-se aos demais apóstolos e a Pedro como lideranças que não são questionadas no tocante a autoridade (v. 5). Sendo assim, Paulo, como apóstolo de Jesus Cristo e servo do Senhor no trabalho da igreja, é digno de todos os direitos dos demais apóstolos.

## 2. A RENÚNCIA DE PAULO PELO EVANGELHO (9.15-18)

Mesmo tendo os direitos dos demais apóstolos e a autoridade recebida de Jesus Cristo, Paulo renuncia a seus direitos. É importante compreender que o tema da liberdade cristã está na grande temática dos capítulos 8-11. Paulo é livre para renunciar ao direito que tem de receber para pregar.

A Nova Tradução na Linguagem de Hoje traduz de maneira fácil esta ideia: “Mas eu não tenho usado nenhum desses direitos, nem estou escrevendo isso agora para exigir esses direitos para mim mesmo. Eu preferiria morrer a fazer isso! E ninguém vai tirar o orgulho que tenho de agir assim” (v. 15).

Podemos perceber que o “orgulho” de Paulo é de poder ser livre para servir a Jesus Cristo. Não há “orgulho” em ter direitos, mas “orgulho” em servir, em ter esta “obrigação” de pregar o evangelho como um funcionário de Deus! Paulo denomina o seu ministério como um “administrador” (oikonomos) (v. 17). Ai dele se for um “administrador” infiel, desobediente.

A alegria de Paulo, neste sentido, é administrar bem o dom que recebeu do Senhor Jesus Cristo. O orgulho de

Paulo é pregar sem cobrar nada (v. 18). A recompensa de Paulo é não servir de pedra de tropeço para ninguém e, como um bom administrador, ser aprovado pelo Senhor Jesus Cristo.

Há este senso de responsabilidade e trabalho hoje nas lideranças cristãs? Será que líderes cristãos renunciariam a “seus direitos” por causa do evangelho?

## 3. LIBERDADE QUE GERA SERVIÇO! (9.19-26)

Paulo ensina que o amor edifica e o conhecimento enche de orgulho. O apóstolo retoma esta mesma tese, agora aplicando à sua própria vida. Paulo não é um pregador retórico. Ao contrário, é um pregador que vive o que prega e pratica os conselhos oferecidos à igreja do Senhor.

Portanto, Paulo tem os direitos, mas abre mão deles por causa da sua liberdade. Jesus libertou Paulo e fez dele um cristão livre. Paulo não é escravo de ninguém. Porém, sua liberdade e o amor em seu coração o tornaram “servo de todos”!

O objetivo de Paulo como missionário era fazer Cristo ser conhecido entre as pessoas, os grupos religiosos, os partidos filosóficos. Sendo assim, pode aplicar a máxima do amor em sua vida.

Sendo judeu, pregou para os judeus. Aos que viviam na “lei” (nomos) se fez como um da lei, mesmo não estando sob o “jugo” da lei.

Aos denominados “sem lei” (anomos), ou seja, os gentios, Paulo viveu como um homem sem seguir os costu-

mes judaicos – observando que seguiu a “lei de Cristo”, que é a “lei do amor”.

Aos fracos se fez fraco para ganhar este grupo.

Enfim, se fez “tudo para com todos” para salvar alguns.

É interessante observar que, no final desta lista, Paulo explica sua conclusão (v. 23): fez todo o esforço por causa do evangelho. Sua liberdade consiste em focar sua vida na pregação do evangelho. Paulo é livre, inclusive, para abdicar de sua “autoridade” recebida pelo próprio Cristo em favor da salvação de alguns.

Se desejasse participar de um banquete para salvar alguns homens, Paulo estaria seguro e convicto de não praticar a idolatria. Mas, por causa de sua liberdade, não o faria para não escandalizar ao irmão “fraco” da igreja, que sentiria sua consciência agredida por tal atitude.

Por fim, em 9.24-25, Paulo se compara a um atleta. A imagem da corrida tem longa tradição na filosofia grega. Em Corinto, havia jogos de dois em dois anos. Paulo pode ter se encontrado lá nos jogos da primavera de 51 (CARREZ, 1993). Dos seis jogos em voga, ele se concentrou em três: a corrida, a luta e o pugilato. A interpretação importante de Paulo é seu tom “comunitário” do prêmio. Em vez de um só, todos os que estão na corrida ganharão o prêmio. Os atletas impõem a si uma disciplina rigorosa para ganhar uma coroa (stefanon) corruptível. O cristão, por sua vez, que exercer a “disciplina” do amor e da liberdade, receberá

uma coroa “incorrupível”.

Ao usar a imagem da luta de boxe, Paulo faz a comparação do atletismo, porém, contra o próprio corpo, que deve ser dominado e reduzido à escravidão. Por que faz isto? Porque é livre e pode dominar suas paixões e submetê-las ao evangelho a fim de não ser “desqualificado” (v. 27). Este quadro do atletismo serve de modelo para a vida do cristão. O exercício da disciplina, do amor e da liberdade cristã é uma atitude de muito esforço pessoal. Paulo o compara a uma luta contra o próprio corpo para poder submetê-lo à vontade de Cristo Jesus.

## CONCLUSÃO

- a. A liberdade cristã é um caminho de serviço! Este é o grande ensinamento de Paulo aos coríntios. Liberdade que gera opressão e sofrimento não pode ser considerada uma liberdade verdadeira. Ao refletir com a comunidade dos coríntios sobre certos “direitos”, Paulo ensina que pôde abrir mão deles por causa do evangelho de Cristo Jesus.
- b. Paulo renunciou ao direito de receber ajuda financeira da igreja para não escandalizar alguns. Paulo abdicou de sua liberdade dos costumes da lei judaica para não escandalizar seus irmãos judeus. Paulo se fez fraco com os fracos para levá-los à cruz de Cristo. Paulo viveu como um gentio, “sem lei”, para evangelizar os gentios. Estas situações são uma indicação da visão missionária do evangelista Paulo e sua visão sobre cultura e evangelho. O debate sobre estas duas grandezas é vasto

e não é possível desenvolvê-lo neste estudo bíblico. Mas vale a pena asseverar que o evangelho, neste sentido, é um influenciador da cultura, respeitando seus pontos que não contradizem a mensagem da cruz. Sendo assim, vale a pena discutir o que é um “costume” da lei judaica que pode ser abandonado sem prejuízo para a proclamação da salvação cristã e o que é uma prática da cultura contrária à vida de Jesus e de sua cruz. Paulo foi um divisor de águas no cristianismo primitivo ao introduzir esta questão. Exemplo: a substituição da “marca” (sfrags) de pertença da circuncisão pelo batismo; o abandono das leis dietéticas do Antigo Testamento, e de festas e datas religiosas do calendário de Israel.

- c. Paulo compara seu esforço ao de um atleta. Esboça sua dificuldade para trabalhar na evangelização. Portanto, para quem imagina que o testemunho cristão seja algo fácil, é só imaginar o cenário dos jogos atléticos e do esforço que seus competidores empenham para chegar ao prêmio.
- d. Cabe a discussão neste tópico sobre a questão do pastorado de tempo parcial e o pastorado de tempo integral. É sabido, por experiência prática, que o ministério de tempo integral é mais profícuo para as comunidades, haja vista que o pastor (e sua família) acabam acumulando funções administrativas, espirituais e emocionais: é o “mestre” da comunidade, responsável pela documentação

bancária e cartorária da igreja; é o conselheiro matrimonial e pessoal; etc. Nas horas de luto e sofrimento, é o amparador das famílias enlutadas. Mas, a partir de 1 Coríntios 9, é possível dizer que o pastor, tendo em vista as dificuldades financeiras da igreja local, pode trabalhar para o sustento de sua família. Não está em pauta diretamente o ministério integral e parcial, mas a opção do ministro de abrir mão da ajuda financeira da comunidade de fé. Está claro para o apóstolo que todo ministro tem a “autoridade” de Cristo de ser sustentado pela comunidade – com base na lei de Moisés e na própria pregação de Jesus, pois quem prega o evangelho tem o direito de viver do evangelho. Portanto, a comunidade tem o dever de sustentar o pastor e sua família, mas o mesmo tem a faculdade de abrir mão dos seus direitos!

- e. Este tema também pode ser estendido à prática cotidiana de todos os cristãos, pois fala do esforço e da liberdade de Paulo em fazer do evangelho a razão do seu trabalho e da sua existência. Pregar e fazer missão se tornou para Paulo uma obrigação, haja vista que ele se apresenta como “administrador” (oikonomos) do trabalho do evangelho. Paulo prega por liberdade e por vocação divina. Cada cristão pode fazer suas concessões por causa do evangelho. Quem não é ministro ou evangelista, ou em algum campo missionário, tem a liberdade de abdicar de tempo e de recursos para investi-los no reino de Deus. Você está aplicando esta verdade em sua vida?

## TEXTO BÁSICO:

*1 Coríntios 10.1-11.1*

## TEXTO CENTRAL:

*“Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas as coisas são lícitas, mas nem todas edificam [...] Portanto, quer comais, quer babais, ou façais outra coisa qualquer, fizeti tudo para a glória de Deus” (1 Coríntios 10.23.31)*

LEITURAS  
BÍBLICASSEGUNDA*Êxodo 20.1-6*TERÇA*Êxodo 13.21-22*QUARTA*Êxodo 14.21-29*QUINTA*Êxodo 16.33-35*SEXTA*Números 14.20-38*SÁBADO*Números 25.1-18*DOMINGO*Números 16.41-50*

## INTRODUÇÃO

Você quer estar em pé na vida espiritual? Pois bem, existem algumas atitudes que podem nos derrubar e outras que podem nos fortalecer.

A esta altura da Primeira Carta aos Coríntios, Paulo coloca como exemplo negativo a jornada dos quarenta anos no deserto do povo de Deus da antiga aliança, que foi agraciado com as mesmas benesses espirituais que os coríntios estavam recebendo (vv. 1-4). Receberam o Maná celeste (uma prefiguração do batismo como libertação do Egito) e beberam da “água da vida” ou “pedra espiritual”.

Paulo lê o Antigo Testamento e vê em Moisés e nos acontecimentos do passado uma maneira (leitura tipológica) de Cristo se revelar aos judeus. São, portanto, referências aos sacramentos do Batismo e da Ceia do Senhor, e da manifestação do Messias nos tempos da Lei de Moisés.

Entretanto, Deus não se agradou desse povo, e este povo caiu no deserto! Caminhou quarenta anos e não entrou na terra prometida. Neste caso, tornou-se um exemplo negativo pelos seus pecados. (vv. 6.11).

Paulo deixa para a Igreja de Corinto uma advertência: “Aquele que pensa estar de pé veja que não caia” (v. 12). Paulo explicita para a comunidade de Corinto que o cristão pode cair caso pratique os mesmos atos dos israelitas, pois, afinal, a comunidade cristã do presente está na mesma peregrinação espiritual do Israel do passado.

Paulo indica que o cerne da queda dos judeus foi a “cobiça” (v. 6) (epitimetás). Este termo

indica o pecado como uma força que conduz o ser humano à desobediência e à imoralidade. Tiago também usa o mesmo termo para falar da cobiça dos irmãos da comunidade (Tg 4.2).

Quais são as atitudes que podem afastar o cristão de Deus? Paulo desenvolve e amplia os temas abordados em 1 Coríntios 8-9. O tema da liberdade volta à tona e Paulo novamente fala do “mau uso da liberdade cristã”.

Vejamos quais são elas.

### 1. PARTICIPAR DOS BANQUETES É IDOLATRIA (v. 7.14-11.1)

O primeiro mau uso da liberdade, que domina a temática do capítulo 10, é a idolatria. Moisés recebeu a “lei de Deus” na montanha sagrada e, quando desceu, viu o povo adorando um bezerro de ouro e participando de um banquete em sua homenagem (Ex 32.6). Esta atitude provocou a ira do Senhor sobre o povo.

a) A idolatria e a Ceia do Senhor (vv. 16-22): Paulo via a mesma atitude nos coríntios. Eles participavam da comunhão do corpo e do sangue de Cristo e, concomitantemente, do banquete dos ídolos. Estavam com “um pé na igreja” e um “pé na idolatria”. Paulo diz claramente: “fugi da idolatria” (v. 14). Paulo não compreendia como os Coríntios podiam ter “comunhão como Cristo” e com os ídolos, que são comparados aos demônios. Paulo já assinalou que o “ídolo” não tem poder algum sobre o crente, mas nesta passagem (v. 20) Paulo vê na idolatria uma atitude demoníaca, ou seja, antiodivina. A Ceia do Senhor é

o banquete da liberdade, dos filhos do Pai libertos pelo sangue de Cristo derramado na cruz. Como participar do altar de Deus, da koinonia (comunhão) do sangue e do corpo de Cristo, da vida comunitária da igreja (com suas refeições da Ceia do Senhor) e ir aos banquetes pagãos e comer das carnes sacrificadas aos ídolos? Comunhão é sinônimo de “intimidade”, “unidade”, “participação”. Paulo via nesta atitude uma incoerência por parte dos coríntios! O pecado da idolatria ainda hoje afasta muitos cristãos da comunhão com Deus. Não é possível participar da Ceia do Senhor e ter comunhão com os ídolos. O que é um ídolo? É tudo aquilo que ocupa o lugar de Deus em nosso coração. Existe a idolatria do dinheiro, a idolatria do trabalho, a idolatria do corpo, a idolatria do sexo, a idolatria de pessoas e personalidades, a idolatria religiosa. É interessante, mas a idolatria, de forma discreta e sorrateira, sempre adentra a igreja para que os crentes fiquem prostrados. Devemos nos perguntar a nós mesmos: temos participado de algum tipo de idolatria? A idolatria afasta o cristão de Deus. O primeiro mandamento (Ex 20.1) diz que o povo de Deus não pode cultuar outros deuses. Deus é soberano. Servir a Deus implica na renúncia da vontade pessoal.

b) A idolatria e a consciência dos fracos (vv. 23-11.1): Paulo retoma o tema da liberdade cristã e seus desdobramentos na vida prática da igreja cristã. Participar dos banquetes pagãos é condenado por causa da comunhão com os ídolos, fato este que ficou claro em 1 Coríntios 10.16-22. De maneira prática e objetiva, Paulo instrui a comu-

nidade de Corinto e evoca novamente o seu slogan: “Tudo me é lícito, mas nem tudo convêm; todas as coisas são lícitas, mas nem todas edificam”. É importante salientar que a primeira parte da frase “tudo me é lícito” é o fundamento da argumentação dos coríntios que usavam a liberdade cristã para legitimar suas atitudes reprovadas pela doutrina cristã. O apóstolo retoma o assunto e ensina que, além de pecar contra Cristo participando dos banquetes pagãos, o crente também agride a fé das pessoas fracas da comunidade e as escandaliza comendo carnes sacrificadas aos ídolos. Portanto, ensina a estes crentes que têm o costume de comer carnes sacrificadas a ídolos pagãos que, ao participar dos banquetes e comprar carne no mercado, não devem perguntar sobre a procedência da mesma. Caso sejam informados, por causa da consciência do irmão fraco, não devem participar de tais cultos ou ingerir tais alimentos. A salvação das pessoas é o alvo de Paulo e afastá-las de Cristo o Senhor é uma atitude demoníaca e diabólica – e, porque não dizer, “idolátrica”. Sendo assim, Paulo convida os cristãos a observarem seu comportamento prático (“Sede meus imitadores”) e a não servirem de tropeço para a pregação do evangelho. Comendo, bebendo ou fazendo qualquer coisa, a meta é a “glória de Deus” e a proclamação da cruz de Cristo, que lembra o verdadeiro sacrifício de amor.

## 2. A IMORALIDADE É IDOLATRIA (v. 8)

Outra atitude que Paulo menciona é a “imoralidade”. Paulo faz referência ao texto de Números 25.1-18. Nesta ocasião, o povo de Deus se prostituiu com as filhas dos moabitas. Como conse-

quência desta imoralidade sexual, veio a prostituição religiosa com os outros deuses. O povo participou dos cultos de fertilidade a Baal.

Paulo reprovava esta atitude, que acendeu a ira do Senhor e provocou a morte de mais de vinte e quatro mil israelitas (Nm 25.9). Neste contexto, Finéias atravessou duas pessoas pelo ventre com uma lança. Só assim cessou a ira do Senhor sobre o povo.

A Igreja de Corinto estava praticando a imoralidade – semelhantemente aos israelitas no deserto. O que é imoralidade? É a vida sexual promíscua. A Bíblia não aceita este tipo de atitude. Muitas pessoas na Bíblia pagaram um alto preço por causa da imoralidade sexual, tais como Davi, Sansão e os filhos de Israel no deserto.

O pecado da imoralidade pode derubar o cristão. Devemos estar atentos a este mal.

## 3. PROVAR A DEUS É IDOLATRIA (v. 9)

Como se não bastasse, os israelitas foram rebeldes e insubmissos no deserto! Colocaram Deus à prova. O que significa colocar Deus à prova? É duvidar dos propósitos e do cumprimento das promessas de Javé.

Os israelitas tornaram-se impacientes falando contra o pão que Deus estava dando. Manifestaram repugnância ao maná. Falaram contra o Senhor e contra Moisés. Nesta ocasião, Deus mandou serpentes para matar o povo. Muitos caíram naquela ocasião frente o castigo de Deus (Nm 21.5-6).

Quando o cristão é rebelde? Quando duvida dos propósitos de Deus para a sua vida e não crê no seu projeto amoroso. Ou ainda quando não se conforma à vontade de Deus para a sua vida e blasfema sobre o nome do bom Deus.

Desta maneira, o cristão também pode usar a liberdade para se afastar de Deus. Deus não pode ser provado e o cristão não pode se rebelar contra Deus, protestando e duvidando de seu projeto libertador.

#### 4. MURMURAR É IDOLATRIA (v. 10)

A última atitude que derruba um cristão e faz parte da cobiça é a “murmuração”. Murmurar é reclamar e se queixar contra Deus e contra as lideranças por ele constituídas.

Não é possível entender submissão às lideranças como uma observância cega aos propósitos de homens que não tem compromisso com as Escrituras ou que em determinadas situações estão equivocados.

O povo de Deus foi um povo murmurador no deserto. Reclamou das situações que estava vivendo. Reclamou do maná, reclamou da falta de água, reclamou da falta de carne. Qualquer coisa era motivo para murmuração.

No texto de Número 16.41, o povo murmurou contra Moisés. Neste caso, a murmuração foi uma crítica velada, que parece não ser tão nociva. Porém, é altamente destrutiva e gera sedição, contenda e mal entendidos entre o povo de Deus em sua peregrinação terrena. Moisés ainda assim intercedeu pelo

povo. Mas caíram por este pecado cerca de 14.700 pessoas (Nm 16.49).

A murmuração é uma atitude que agrega “maldição”. Nós reclamamos da vida, reclamamos da igreja, reclamamos da esposa, reclamamos do marido, do trabalho, dos filhos, da condição de existência. O cristão que assim procede está amaldiçoando a si próprio e aos seus (família, igreja, amigos, etc.).

Para fugir da derrota espiritual, o louvor e a confiança são a chave para a consumação da promessa de Javé na vida do cristão.

Temos de louvar a Deus até nos momentos difíceis.

#### CONCLUSÃO

Paulo diz: “Quem está de pé cuide para que não caia”. Ou seja, qualquer cristão que exceder os limites estabelecidos por Deus em sua santidade vai provocar uma atitude divina de repreensão aos seus erros.

Sendo assim, especificamente a idolatria provoca a “ira do Senhor”. Paulo, diante das suas argumentações de 10.1-13, pergunta: “Vamos provocar o zelo do Senhor?”. O “zelo” é a defesa de Deus da sua santidade agredida pela “liberdade humana”. Paulo ensina que a provação não vai além das forças do cristão. O cristão “provado” busca a maturidade espiritual em sua liberdade cristã para não exceder os limites da salvação graciosa de Deus. Paulo tem clara consciência de que a “graça libertadora” de Deus eleva o cristão a um patamar superior ao legalismo da lei do

Antigo Testamento, mas, em momento algum, ensina que a liberdade da graça deve exceder os valores éticos e espirituais da própria lei.

Escrevendo aos gálatas, Paulo ensina que o “amor cumpre a lei” (Gl 5.14). Ou seja, na mesma direção, no final do texto do capítulo 10, ao falar sobre as refeições, Paulo ensina que aquele que ama a Deus não provoca seus ciúmes de outros deuses e quem ama e respeita o irmão “fraco” da igreja não agride a sua consciência a respeito de valores culturais e espirituais.

Paulo se coloca como um paradigma para seus irmãos coríntios. “Sede meus imitadores como sou de Cristo” (11.1). Paulo não se coloca, neste versículo, como um paradigma de “perfeição moral” – como alguns pensam. O contexto da carta não permite esta interpretação moralista. O pano de fundo no capítulo 10 são os limites da liberdade cristã. E, neste assunto, Paulo serve como modelo para os coríntios: na evangelização, procurou não escandalizar nem os judeus, nem os gentios, mas, através de suas atitudes, buscou atraí-los a Cristo, não os escandalizando com temas irrelevantes.

Paulo diz que se fez “incircunciso” com os gentios (respeitando os valores éticos da lei de Deus), se fez “circunciso” com os judeus, a fim de ganhar alguns para o evangelho de Cristo. Paulo tem como modelo o Senhor Jesus Cristo e sua cruz! Por isso, diz ser um “imitador de Cristo”. O Senhor deixou toda a sua glória (majestade celeste) para salvar os homens e mulheres na maldita

cruz do Calvário.

Seria importante a esta altura perguntar: “Quais são as concessões que a igreja faz pelo evangelho?”. A discussão pela “verdadeira doutrina” não é um ponto de orgulho de nossas igrejas? A discussão por uma “moralidade superior” também não é um ponto que mais afasta as pessoas do evangelho do que as atrai? Ou também o inverso: “uma ‘graça barata’, que não leva em conta a renúncia e as exigências éticas do Reino de Deus, não escandaliza as pessoas”?

**TEXTO BÁSICO:**

1 Coríntios 10.16-17;  
11.17-32

**TEXTO CENTRAL:**

*“Porventura, o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo?”*

(1 Coríntios 10.16)

**LEITURAS  
BÍBLICAS****SEGUNDA**

Deuteronômio 16.1-8

**TERÇA**

Marcos 14.12-26

**QUARTA**

Lucas 14.15-24

**QUINTA**

Lucas 24.13-35

**SEXTA**

João 6.35,48-51,53-57

**SÁBADO**

Atos 2.42-47

**DOMINGO**

Apocalipse 3.20

**INTRODUÇÃO**

O relato da 1 Carta aos Coríntios sobre a “Ceia do Senhor” é o mais antigo documento que temos sobre a celebração da eucaristia. Para o estudioso Willian Barclay, “não há, em todo o Novo Testamento, outra passagem de maior interesse do que esta. Por um lado, nos dá o aval para o mais sagrado ato de adoração na igreja, o sacramento da Ceia do Senhor, e, pelo outro, como a Carta aos Coríntios é anterior a Marcos, o mais primitivo dos evangelhos, é, em realidade, o primeiro relato escrito que temos de palavras que Jesus pôde ter pronunciado”. O Rev. J. Zabatheiro diz que “no texto de 1 Coríntios 11.17-34, Paulo escreveu o mais completo ensino bíblico a respeito da Ceia”.

Neste estudo não pretendemos “explicar” o que acontece com o “pão e o vinho” no momento da celebração da eucaristia. Outro pastor disse que o problema da igreja foi quando deixou de compreender a presença de Jesus na Ceia do Senhor para tentar compreender o que acontece com o pão e o vinho na celebração. A questão seria não a “presença de Deus”, mas a tentativa de compreender “como” o Senhor está presente na celebração.

Portanto, para nós é importante nos concentrarmos na questão “pastoral” da Ceia do Senhor na 1 Carta aos Coríntios e a sua dimensão espiritual e comunitária. Vamos tentar responder a algumas perguntas tais como: de onde provém a celebração da Ceia do Senhor?; Qual o sentido da espiritualidade na Ceia do Senhor?; Qual a dimensão comunitária da Ceia do Senhor?; Por que Paulo precisou exortar os coríntios sobre a celebração da Ceia do Senhor?

Caminhemos para o nosso estudo.

## 1. A ORIGEM DA CEIA DO SENHOR

No capítulo 11 da 1 Carta aos Coríntios, ao fazer referência às palavras da Ceia do Senhor (11.23b-25), o apóstolo deixa claro que recebera a Ceia do Senhor como parte viva da tradição da igreja (11.23). Como já afirmamos, o texto a respeito da instituição da Ceia em Coríntios é o mais antigo do Novo Testamento, e indica a prática da igreja cristã na celebração do “partir do pão” (At 2.42; 20.7; Lc 24.35).

A celebração da eucaristia remonta à tradição de Israel e suas festas prescritas pela lei de Moisés. No Antigo Testamento, uma das mais importantes festas para celebrar a “libertação do Egito” era a Páscoa. Nesta celebração, a família reunida fazia um jantar especial para rememorar a saída do Egito, quando os hebreus foram libertos pela ação poderosa de Deus (Dt 16.1-8).

Jesus de Nazaré celebrava anualmente a Páscoa. Conforme nos relata Evangelho de Marcos, foi em uma celebração da Páscoa que Jesus tomou a sua última refeição com os seus discípulos (Mc 14.12-26). Nesta ocasião, Jesus instituiu a Nova Aliança, o novo Pacto de Deus com a humanidade, selado em seu próprio sangue (Mc 14.22-25).

Alguns estudiosos do Novo Testamento ensinam que a Ceia do Senhor tem a sua gênese nos banquetes comunitários de Jesus. Há um texto no Evangelho de Lucas que sinaliza os banquetes de Jesus como o “banquete do Tempo da Salvação”, ou seja, a Ceia

Escatológica de Deus com os seres humanos. Vejamos o texto:

- *“Ora, ouvindo tais palavras, um dos que já estavam com ele à mesa, disse-lhe: Bem-aventurado aquele que comer o pão no reino de Deus. Ele, porém, respondeu: Certo homem deu uma grande ceia e convidou a muitos. À hora da ceia, enviou o seu servo para avisar aos convidados: Vinde, porque tudo está preparado. Não obstante, todos, a uma, começaram a escusar-se. Disse o primeiro: Comprei um campo e preciso ir vê-lo; rogo-te que me tenhas por escusado. Outro disse: Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-los; rogo-te que me tenhas por escusado. E outro disse: Casei-me e, por isso, não posso ir. Voltando o servo, tudo contou ao seu senhor. Então, irado, o dono da casa disse ao seu servo: Sai depressa para as ruas e becos da cidade e traze para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos. Depois, lhe disse o servo: Senhor, feito está como mandastes, e ainda há lugar. Respondeu-lhe o senhor: Sai pelos caminhos e atalhos, e obriga a todos a entrar, para que fique cheia a minha casa. Porque vos declaro que nenhum daqueles homens que foram convidados provará da minha ceia” (Lc 14.15-24).*

Nesta parábola entendemos que os

banquetes de Jesus com os pecadores significavam a oferta de amizade e perdão de Jesus oferecido a eles, pois, na cultura oriental, sentar à mesa denotava profunda comunhão e intimidade. Em muitas ocasiões, por participar destes banquetes, Jesus foi criticado pelos religiosos de sua época, que o acusavam de ser pecador como os demais (Lc 15.1-2).

É importante perguntar, a esta altura, se Jesus limitou a participação nos seus banquetes apenas para as pessoas boas que faziam parte de Israel ou sinalizou que a Mesa era o lugar do perdão e da vida? Por que a igreja fez o caminho inverso: fez da Mesa o lugar apenas dos “membros da igreja” e não o lugar do encontro do perdão e da redenção do ser humano com Deus? Quem deve participar da Ceia: os doentes ou os sãos?

## 2. A ESPIRITUALIDADE DA CEIA DO SENHOR (11.23-26)

Em 1 Coríntios 10.16 lemos: “Porventura, o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo?” Paulo denomina os “elementos” da Ceia do Senhor de “comunhão” com o sangue o corpo de Cristo.

Comunhão (koinonia) é a mesma palavra que aparece na bênção apostólica (ver texto), em Atos 2.42 (e perseveravam na “comunhão”) e também em 1 João 1.3. Indica uma atitude de espiritualidade e intimidade com o Espírito Santo. Na Ceia do Senhor, Paulo faz referência à “comunhão” com Jesus através da celebração da Ceia do Senhor (pão e vinho). Portanto, sem buscar

compreender “como” Jesus está presente, na Mesa da Comunhão há uma certeza vívida tanto nos evangelhos, como em Paulo: na celebração da Ceia do Senhor, Cristo se faz presente.

Não há dúvida que a celebração da Ceia do Senhor é herdada pela igreja através da dimensão da espiritualidade e do discipulado da igreja primitiva. Ou seja, comendo com Jesus e sendo ensinados por ele, os discípulos preservaram a celebração do “pão e do vinho” na igreja como memória da “presença de Jesus”.

Na Igreja de Corinto, a Ceia do Senhor era uma celebração comunitária e realizada nas casas – e tem o mesmo formato dos banquetes de Jesus com os seus discípulos. Neste “festim” eucarístico celebrado na igreja, chamado de “Ceia do Senhor”, os crentes tinham a certeza da presença do seu Mestre Jesus.

Nas palavras da instituição, tem-se a certeza disto: “Isto é o meu corpo” (11.14; Mc 14.22). Ao se referir ao “vinho” Jesus diz “Este cálice é a nova aliança no meu sangue” (11.25). Em Marcos 14.24, após todos beberem do cálice Jesus diz “Isto é o meu sangue”, o “sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos”.

São palavras que indicam a presença plena de Jesus e a sua obra de salvação realizada na cruz. Neste sentido, tem-se a ideia de “mistério”, de “sacramento”, de pura espiritualidade através do culto eucarístico. Sobre isto disse um pastor chamado Emil Brunner: “No

sacramento, Cristo está presente, não apenas o pão e o vinho. Come-se o pão da vida, Cristo, não apenas o pão deste mundo. Trata-se de um milagre, a saber, o milagre de que Deus nos dirige a sua palavra e que, na fé, a recebemos e a ingerimos. Tão certo como se come um pão feito pelo homem – e este pão não muda de propriedade – tão certo, também, algo mais se come: a palavra de Deus, Cristo, o Pão da Vida”.

A Ceia do Senhor como presença real de Jesus na vida de quem participa do pão e do vinho requer a fé e a esperança na Palavra de Deus. No Evangelho de João, esta comunhão entre Cristo e o cristão é tão profunda que vai “além das palavras” e da mera compreensão racional. Vejamos alguns dos versículos que merecem destaque (Jo 6.35; 48-51; 53-57):

- *“Declarou-lhes, pois: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome, e o que crê em mim jamais terá sede [...]. Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é pão vivo que desceu do céu, para todo o que dele comer não pereça. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne [...]. Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem comer*

*a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimentar por mim viverá”.*

Na 1 Carta aos Coríntios, ainda temos mais uma questão sobre a espiritualidade: a Ceia é escatológica e une os três tempos da dimensão humana: passado, presente e futuro. A Ceia é lembrança do sacrifício de Cristo na cruz e da libertação dos pecados; é comunhão verdadeira com Cristo no ato da celebração e, ainda, é expressão da nossa esperança da volta de Cristo para estabelecer plenamente o Reino de Deus (11.26). Na plenitude da chegada do Reino, Deus será “tudo em todos” (15.28). Neste dia tão esperado, Cristo mesmo celebrará a Ceia da Redenção com todo o seu povo de todas as épocas.

### 3. A DIMENSÃO COMUNITÁRIA DA CEIA DO SENHOR (11.17-22)

Na Igreja de Corinto, as divisões entre fortes e fracos deveriam ser abolidas, e a Ceia do Senhor seria o elemento de destruição das divisões entre fortes e fracos. Mas, ao contrário disto, a Ceia do Senhor estava se transformando em um elemento do culto para corroborar a opressão na igreja.

Em 1 Coríntios, Paulo fala que a

igreja é um “só pão” (10.17-18). O Cristo que se entrega pela igreja, através da celebração da Ceia do Senhor, destrói todas as divisões humanas pelo perdão que oferece na cruz. Mas, na Igreja de Corinto, a celebração litúrgica da Ceia do Senhor estava se tornando um forte elemento de opressão e divisão. O que era para agregar e atenuar as divisões humanas estava acentuando ainda mais a diferença entre fortes e fracos na Igreja de Corinto.

Como isto acontecia? Paulo enumera que, na reunião nas casas, havia divisões e partidarismos (11.18,19). Enquanto uns comiam em abundância, outros passavam fome (11.20-21) e até a embriaguez era parte integrante do culto nas casas.

Paulo não louva a igreja pela conduta durante a Ceia do Senhor (11.22). A Ceia do Senhor também prefigura uma dimensão de espiritualidade comunitária. A comunhão com o Cristo só é plena quando há a verdadeira comunhão do amor entre os membros do Corpo de Cristo, que é a Igreja do Senhor.

Para Paulo, a igreja é o “corpo de Cristo” no sentido místico e, na Ceia do Senhor, ao participar do pão e do vinho, os membros de Cristo manifestam esta comunhão mística de ser um só corpo.

Será que, ainda hoje, a Ceia do Senhor não continua a ser um fator de divisão em nossas comunidades?

#### 4. A EXORTAÇÃO PARA A MUDANÇA(11.27-34)

Paulo lança um desafio diante das

divisões, dos partidarismos e da falta de reverência na celebração eucarística: Quem comer do pão e beber do vinho indignamente será culpado do “corpo” e do “sangue” do Senhor (11.27). Para W. Barclay, estudioso do Novo Testamento, essa triste constatação de Paulo significa que “o homem que come e bebe indignamente é aquele que nunca se deu conta de que toda a igreja é o corpo de Cristo, e aquele que se encontra em discórdia com seu irmão, aquele que olha a seu próximo com desprezo, e aquele que, por qualquer outra razão, não é um com seus irmãos”.

A exortação de Paulo, neste sentido, seria para a mudança na maneira dos coríntios diante da Ceia do Senhor: “Examine-se, pois, a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice” (11.28). Paulo convida a igreja a uma mudança e, assim, a estabelecer o pleno sentido da Ceia do Senhor que é a “unidade” da igreja do Senhor Jesus Cristo – que estava sofrendo os reflexos da divisão (11.33-31).

#### CONCLUSÃO

O ensino de Paulo sobre a Ceia do Senhor em 1 Coríntios é paradigmático e um dos mais completos sobre a refeição eucarística.

A gênese da Ceia do Senhor está nos banquetes de Jesus com os pecadores para lhes ofertar o perdão dos seus pecados. Foi na refeição que Jesus deixou a marca da sua presença entre nós. A Ceia é o banquete da unidade mesmo em meio às diferenças. Na Ceia, não existem fortes e fracos, ricos e pobres, homens e mulheres, mas um povo que

congrega e se torna “um só corpo” através da morte de Jesus na cruz.

A Ceia do Senhor é um momento sublime da celebração litúrgica da igreja. Através da Ceia, temos “comunhão” com Cristo e com os nossos irmãos. Portanto, a Ceia é um momento de adoração e comunhão com o Senhor. É um mistério esta união: quando são pronunciadas as expressões “isto é o meu corpo” e “isto é o meu sangue”, o pão e o vinho se transformam em “sinais da graça de Deus”.

Qual o conceito que tem permeado as nossas igrejas sobre a Ceia do Senhor? É apenas uma refeição ou um ato sublime de comunhão com o Cristo Ressuscitado? É mais um “protocolo” ou uma celebração da esperança e da vida?

## TEXTO BÁSICO:

1 Coríntios 13.1-3

## TEXTO CENTRAL:

*“Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor”.*  
(1 João 4.8)

LEITURAS  
BÍBLICASSEGUNDA

1 Coríntios 8.1-3

TERÇA

João 3.16-21

QUARTA

João 13.34-35

QUINTA

1 João 4.7-15

SEXTA

1 João 4.16-21

SÁBADO

Efésios 1.15-16

DOMINGO

Efésios 3.14-19

## INTRODUÇÃO

Nesta série de estudos sobre a 1 Carta de Paulo aos Coríntios é chegado o momento de meditar sobre outra grande marca da igreja cristã. De fato, o amor é a mais nobre atitude do ser humano.

Muitos estudiosos tentaram conceituar o amor. Os gregos dividiam o amor em três tipos:

- a. o amor entre amigos (*phileo*), que quer dizer “considerar com afeição”. Por exemplo, o termo “Filosofia” significa “amigo da sabedoria” e o filósofo é um “amante do saber”. Esta maneira de compreender o amor denota principalmente a atração de pessoas entre si, quando estão estreitamente ligadas dentro e fora da família. Faz parte de *phileo* a “preocupação”, o “cuidado” e a “hospitalidade”, bem como o amor às coisas no sentido de “gostar de”.
- b. O outro termo é *eros* designa o amor entre homem e mulher que abrange o “anseio”, o “desejo” ou o “anelo”: “O deleite dos gregos na beleza do corpo e nos desejos sensuais achava expressão aqui, na abordagem dionisíaca à vida e sua sensação dela. O êxtase sensual deixa muito para trás a moderação e a proporção...” (DITNT, VI. I, p. 113). Nos cultos gregos de fertilidade, *Eros* (o “deus do amor”) é uma divindade que une, através do êxtase místico e sensual, o ser humano à perfeição.
- c. O outro termo é *ágape*, pouco usado no grego clássico. Em exceções, faz referência a alguém que foi favorecido por um “deus”. Daí derivar a ideia de uma “iniciativa generosa de uma pessoa por amor à outra” tão somente.

O Novo Testamento apresenta o amor como

“uma das ideias centrais que expressam o conteúdo total da fé cristã (Jo 3.16). A atividade de Deus é o amor, que procura o amor recíproco do ser humano (1 Jo 4.8,16)” (DITNT, VI. I, p. 116). Escrever sobre o conceito de “amor” no Novo Testamento é um trabalho muito complexo e não pode ser desenvolvido neste estudo. Basta compreender como pressuposto que amor é o relacionamento de Deus com o ser humano, do ser humano como pessoa, e a atividade salvífica de Deus em Cristo de resgatar a humanidade.

No Antigo Testamento, o amor é o centro do culto a Deus e resume toda a Torá: “Amarás ao Senhor teu Deus de toda a tua alma...” (Dt 6.5). E “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Lv 18.19) – tema abordado também no Novo Testamento (Mt 22.34-40; Mc 12.28-34).

No capítulo 13 de 1 Coríntios, Paulo conceitua o amor a partir do “ágape”, ou seja, tem em mente a dinâmica da edificação, da autodoação, da entrega. É necessário destacar que o “amor” no capítulo 13 está no contexto da exposição dos “dons espirituais”. Neste sentido, Paulo entende o amor não apenas como um “conceito” em Deus, mas como um presente (um dom) do Espírito à comunidade de fé com uma finalidade prática. Muito mais do que uma sistematização do amor, Paulo classifica o amor, em 1 Coríntios 13, como o dom do Espírito que permeia e autoriza a os demais dons espirituais para a edificação do “Corpo de Cristo” (ver 1Co 8.1; 2Ts 1.3; Fp 2.1-2; Ef 4.16; Cl 2.2).

Porém, o capítulo 13, estrategicamente, revela a supremacia do amor sobre os demais dons espirituais. O “ágape” cristão faz parte da “triade paulina” (1Co 13.13; 1Ts 1.3; 5.8), mas é o sólido fundamento de uma comunidade cristã. Fé e esperança desaparecerão com a manifestação de Jesus Cristo, mas o “dom” do amor permanecerá para sempre – ou seja, o amor é o próprio Deus revelado em Cristo e na vida do Espírito que dá vida à comunidade. Na teologia de Paulo, o amor é a força que conserva unida a comunidade cristã e a edifica (1Co 14.1; 16.14; Ef 1.15; 3.17).

## 1. CONTEXTUALIZANDO O AMOR NA QUESTÃO DOS DONS ESPIRITUAIS (CAPS. 12 E 14)

Não é possível falar do amor no capítulo. 13 sem antes compreender o uso dos dons espirituais na Igreja de Corinto. Não pretendemos nos estender sobre o assunto, mas apenas contextualizá-lo como pano de fundo para a apresentação do “hino do amor” na epístola.

Dito isto, vejamos algumas características:

- a. Os dons são uma manifestação do Espírito Santo. A palavra dom (carisma) está relacionada com a palavra ministério (diaconia). Por isso, a igreja recebe de Deus (do Espírito) os dons para o seu trabalho ministerial (12.4-7);
- b. Os dons são variados e diversificados, mas o Espírito é um só. O Espírito Santo é quem distribuiu os dons conforme a necessidade da igreja (12.8-11).

- c. O batismo no Espírito é a inserção do crente no “corpo de Cristo”, que é a igreja. Assim como o corpo possui muitos membros, a igreja possui muitos dons, e todos são importantes e frutos do Espírito. Nenhum dom é superior. Todos são ferramentas para o serviço cristão (12.12-27).
- d. Paulo enumera alguns dons e serviços e recomenda que sejam procurados com zelo os dons espirituais (12.27-31).
- e. Após fazer a interpolação do “hino do amor”, no capítulo 14, Paulo desenvolve o tema do dom de línguas e sua relação com os demais dons na igreja. Como o culto em Corinto é extremamente místico (inclusive, há a presença de anjos no culto, conforme 11.10), Paulo orienta sobre o uso do dom de línguas na igreja e ensina que este dom não é superior aos demais. Antes, é um dom de edificação pessoal e de êxtase espiritual. Para Paulo, a manifestação do dom de línguas está causando confusão na assembleia e deve ser usado com critério no ajuntamento, porque “Deus é um Deus de paz e não de confusão” (14.33)
- f. Não é pretensão deste estudo nem fazer uma exposição complexa sobre o “dom de línguas” nem o desprezar, mas apenas sinalizar que seu mau uso na Igreja de Corinto estava causando divisões entre os grupos e desordem no culto. Aliás, diga-se de passagem, o “dom de línguas” é descrito por Paulo como um dom de comunhão com o Espírito. O apóstolo

apenas sinaliza que, na comunhão do culto, este carisma não edifica a comunidade cristã.

## 2. O AMOR DÁ AUTORIDADE AOS DONS ESPIRITUAIS (13.1-3)

Após o que estudamos no tópico anterior, é possível constatar que o cristão pode possuir muitos dons espirituais. Mas, se estes dons não vierem acompanhados pelo amor, não serão exercidos com responsabilidade na igreja e, portanto, perderão a sua eficácia. Quais seriam estes dons? Paulo os enumera:

- a. dom de línguas: era o dom misterioso do crente de falar outros idiomas ou uma língua misteriosa (de anjos). Sem amor, este dom seria como um cimbalo que retine ou como o som sem sentido das trombetas;
- b. dom de profecia: o dom de profetizar tem relação com a pregação na igreja. Preguar envolve “exortar” e “consolar”, ou seja, denunciar o pecado e apresentar o caminho da retidão e do arrependimento. Mas esse importante dom, sem a presença do amor, poderia ser apenas um artifício para compor a liturgia da igreja;
- c. sem o amor, o “conhecimento” não tem valor algum. Este termo é técnico nas epístolas de Paulo e se refere à “gnose”, uma atividade místico intelectual para se conhecer a Deus. Na concepção dos grupos gnósticos, apenas alguns possuíam este “dom”, uma classe de “iluminados”. Ao contrário de ajudar a comunidade, os menos instruídos eram segregados do convívio da comunidade.

Sem o amor, todo este “conhecimento” não possuía nenhuma finalidade. Ao contrário, na comunidade de Corinto, este “pretensso conhecimento” só enchia os crentes de soberba e orgulho (1Co 8.1b). Para Paulo, o “mistério” verdadeiro, como já mencionado na carta, fora revelado pelo Espírito e este “mistério” não era um conhecimento sobrenatural e reservado a uma revelação pessoal, mas era o próprio Cristo morto na cruz e proclamado na pregação da igreja (1Co 2.6-10);

- d. Paulo situa o amor como um “ingrediente” da fé, que tem o sentido de “dom do Espírito que promove o sobrenatural” e não de obediência e entrega confiante. Paulo ensina que este dom (1Co 12.10) sem o amor transformaria o crente em um “operador de milagres” sem proveito;
- e. se Paulo tiver em mente a situação de Daniel 3, a entrega dos bens, sem o amor que vem do Espírito, será para a autoglorificação – e a igreja não precisa disto!

Portanto, 13.1-3 introduz o amor como legitimador dos demais dons espirituais: línguas, profecia, conhecimento de mistério, operação de milagres, martírio pessoal e sacrifício e autodoação. Uma comunidade de fé que não tem o amor como sólido fundamento do uso de seus dons e atividades afins cairá na vaidade pessoal e no orgulho de si próprio.

## CONCLUSÃO

Cabe nesta parte do estudo uma

pergunta importante: nós (crentes) sabemos utilizar nossos dons espirituais? Até que ponto uma igreja com muitos dons espirituais está agradando a Deus? Uma igreja pode ser edificada com segurança sem o amor?

Você considera a sua igreja uma igreja que tem dons espirituais? Caso responda sim, sua igreja consegue fazer do amor o regulador no uso dos dons espirituais?

Os dons espirituais são ferramentas para a edificação da igreja. Os ministérios são concedidos pelo Espírito para o serviço cristão. Existem dons sobrenaturais, tais como o “dom de línguas”, o dom de profecias e o dom de conhecimento, mas todos estes dons só podem ser bem utilizados pela manifestação do amor.

Longe de promover a divisão e a confusão nas assembleias, o amor como a maior manifestação do Espírito congrega a igreja e dissipa todos os partidarismos e carnalidade existente no corpo de Cristo.

**TEXTO BÁSICO:***1 Coríntios 13.4-13***TEXTO CENTRAL:***“Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor” (1 Coríntios 13.13)***LEITURAS BÍBLICAS**SEGUNDA

Romanos 5.1-5

TERÇA

Romanos 8.312-39

QUARTA

Romanos 13.8-10

QUINTA

1 Tessalonicenses 1.3-4; 5.8

SEXTA

Colossenses 3.12-17

SÁBADO

1 João 3.11-15

DOMINGO

1 João 3.16-19

**INTRODUÇÃO**

A Igreja de Corinto precisou ser exortada por Paulo sobre a organização do culto e o uso dos dons espirituais. Na lição anterior, pudemos constatar que o amor é superior, sendo a manifestação do próprio Deus, a ponto de dizer que o Espírito é amor. O amor oferece credibilidade aos dons espirituais que eram operados nos cultos comunitários em Corinto.

Portanto, sem amor, os dons espirituais (como o “conhecimento”, o “dom de línguas”, o “martírio”, “operação de milagres”) perdem sua finalidade que é “edificar o Corpo de Cristo”.

Nesta lição, vamos estudar a importância do amor nos relacionamentos da comunidade cristã e o amor como a eterna manifestação do Deus Espírito.

Hoje a palavra do dia tem sido o exercício dos ministérios na igreja, a evangelização por meio de relacionamentos e a resolução dos conflitos na igreja. Certamente, o sublime texto de 1 Coríntios 13.4-13 é de grande valia para refletirmos nestes temas e aplicá-los em nossa comunidade.

**1. O AMOR E OS RELACIONAMENTOS NA IGREJA (13.4-7)**

Nestes versículos temos quinze características do amor. Para Paulo, estas características podem ser fator de edificação na Igreja de Cristo. Calvino disse a respeito das características do amor: “O objetivo primordial, porém, é mostrar quão necessário ele é na preservação da unidade da Igreja. E não tenho dúvida de que o apóstolo pretendia repreender os corín-

tios de forma indireta, confrontando-os com um a situação completamente diversa daquela propriamente deles, para que pudessem aperceber-se de seus próprios vícios, contrastando-se com o que viam”.

- a. A “paciência” do amor (13.4a): O termo paciência (makrothumem) descreve a paciência com as pessoas e não com as circunstâncias. João Crisóstomo diz que esta palavra indica uma pessoa que pode se vingar do outro, mas não utiliza este tipo de conduta. É sinônimo do indivíduo que é lento para a irritação, e faz referência à “paciência” de Deus para tratar com as pessoas. Barclay diz que “ao tratar com os homens, por mais recalcitrantes, desumanos e felinos que sejam, devemos exercer a mesma paciência que Deus tem para conosco”;
- b. A “bondade” do amor (13.4b): Para Orígenes, dizer que o amor é “bondoso” é pensar que “é doce para todos”. Neste sentido, a bondade tem relação com o próprio Cristo, sua graça e sua misericórdia na tratabilidade com os pecadores;
- c. A liberalidade do amor (13.c.d.e): A tradução de Almeida Revista e Atualizada (ARA) diz assim: “O amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece”. Na Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) lê-se o seguinte: “Quem ama não é ciumento, nem orgulhoso, nem vaidoso”. O amor não deseja o que é dos outros, ou seja, não tem inveja das posses, qualidades ou

habilidades que não possui. O termo “orgulhoso” (ou “ufanoso”) faz referência à “insolência” (Calvino) e lembra alguém que é arrogante por sua “autoconfiança”. Calvino diz que o fato do amor ter esta qualidade denota um “freio para manter o homem sob controle”. Portanto, o amor promove a humildade no coração do crente. Estas qualidades do amor podem muito bem se encaixar no contexto de divisões da Igreja de Corinto no que diz respeito à igreja dividida por seus líderes ou mesmo por seus dons espirituais;

- d. Em 13.5a temos que o “amor não é grosseiro” (NTLH), termo que se encaixa melhor para a tradução. Calvino diz que o amor “sempre observa a moderação e a conveniência”. Em 13.5b lemos: “O amor não procura os seus próprios interesses” ou “não é egoísta” (NTLH): Barclay tem uma interessante observação a fazer sobre este termo: “Em última análise, há no mundo dois tipos de pessoas: as que estão continuamente pensando em seus direitos e as que estão continuamente pensando em seus deveres; aqueles que sempre insistem em seus privilégios e aqueles que sempre lembram suas responsabilidades”. Calvino comenta que faz parte da nossa natureza buscar apenas o que nos interessa e que somos portadores de uma tendência natural de amarmos e cuidarmos de nós mesmos. E acrescenta que o amor “é o único antídoto que cura essa tendência tão perversa”.
- e. “O amor não se ira facilmente”

(13.5c): O amor cristão nunca se exaspera com as pessoas. Barclay lembra que a “exasperação é sempre um signo da derrota. Quando perdemos a calma perdemos tudo”.

f. “O amor não guarda mágoas” (13.5d - NTLH): A palavra “guardar” lembra a marcação de um item num livro maior para não ser esquecido. A ideia de Paulo é que o crente que ama não pode ser um guardador de mágoas. O amor é a verdadeira fonte do perdão e do esquecimento. Barclay lembra que “uma das grandes artes da vida é aprender a esquecer”. As disputas na igreja, no casamento, na vida pessoal, etc., são reflexos de mágoas e problemas mal resolvidos. O perdão e o esquecimento são o melhor caminho para a saúde pessoal e dos grupos;

g. “Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade” (13.6-ARA): Na NTLH lemos: “Quem ama não fica alegre quando alguém faz uma coisa errada, mas se alegra quando alguém faz o que é certo” (13.6): O amor só tem prazer naquilo que está em conformidade com a Palavra de Deus – fonte de todas as coisas corretas! Injustiça lembra na Bíblia a desobediência à justa lei de Deus. A “verdade” é para a Bíblia um caminho de fé e de obediência aos mandamentos divinos. No Novo Testamento, a “verdade” é uma pessoa, Jesus Cristo, que, em sua vida e ministério, foi o homem que cumpriu plenamente a justiça divina. Portanto, é da natureza do amor fazer aquilo

que é correto e se alegrar com isto.

h. “Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (13.7): A NTLH traduz de maneira bem interpretativa este versículo: “Quem ama nunca desiste, porém suporta tudo com fé, esperança e paciência”. Barclay lembra que o fato do “amor sofrer tudo” refere-se ao amor que havia no coração de Jesus, capaz de suportar os insultos, as injúrias e as decepções. O amor que crê em tudo é o amor que confia na Palavra de Deus – em suas promessas – e sempre vê o melhor a respeito dos outros. O amor que tudo espera é aquele que aguarda o milagre de Deus para as pessoas e para si mesmo. Espera sempre as melhores coisas e nunca as piores. O texto de Hebreus 11.1 diz que a “fé é a certeza das coisas que se esperam”. Sendo assim, quem ama tem esperança em Deus para caminhar. Para fechar estas qualidades, Paulo fala que o “amor tudo suporta”. A palavra para suportar é a mesma que é traduzida por “paciência ou perseverança” (Tg 1.4). Esta palavra é a coragem de uma pessoa que vai à guerra. O amor promove no crente uma verdadeira transformação, pois aquele que persevera ou resiste aos problemas não o faz passivamente, mas com decidida vontade.

## 2. A SUPERIORIDADE DO AMOR SOBRE OS DEMAIS DONS (13.8-13)

O amor é o dom do Espírito que permanecerá na manifestação de Jesus Cristo. Para Paulo, o amor é a personificação do próprio Espírito. O ágape não termina, o que lhe dá uma qualida-

de divina. Os escritos de João seguem o mesmo critério ao afirmar que “Deus é amor”, e que este amor está “encarnado em Jesus” e seu relacionamento com a humanidade. Deus entrega sua vida por nós e, como igreja, entregamos a nossa vida pelo próximo (Jo 3.16; 1Jo 3.16).

Para Paulo, o amor de Jesus se manifesta no Espírito à comunidade cristã. A “profecia”, as “línguas” (glossai) e o “conhecimento” (gnósis) desaparecerão (13.8) quando chegar o que é “perfeito” (13.10). O “perfeito” tem como pano de fundo a “consumação”, a “meta-objetivo” da igreja, que é a plena manifestação de Jesus Cristo. Esta meta-perfeição é a revelação do Amor-Espírito. Antes da manifestação de Jesus Cristo, o “conhecimento” e a “profecia” ajudam nossa imperfeição: “Mas a intenção do apóstolo e mostrar que o fato de recebermos conhecimento e profecia é precisamente uma prova de que somos imperfeitos. Portanto, em parte significa que ainda não fomos aperfeiçoados” (Calvino).

Em certo sentido, Paulo está reafirmando os “gnósticos” que acreditavam poder chegar a um “conhecimento” pleno através da descoberta de mistérios que estão ocultos no universo.

Paulo utiliza uma parábola para corroborar seu pensamento sobre a permanência do amor. Há uma evolução na revelação divina. O menino pensa como um menino, mas, quando cresce, abandona as coisas de menino para se tornar um adulto. O tempo da igreja ainda é limitado (de menino) até que Jesus Cristo se manifeste

e traga o tempo “pleno” (de adulto). Sendo assim, é possível afirmar que, no pensamento paulino, não é possível conhecer mais do que já fora revelado em Jesus Cristo. Quando, porém, chegar a consumação do Reino de Deus, o cristão verá “face a face” e terá um “superconhecimento” (pleno) como já é “superconhecido” pelo Espírito (a NTLH traduz melhor: “Mas, depois, conhecerei plenamente”). O termo “superconhecimento” serve para contrastar o “conhecimento” (gnósis) dos coríntios que os fazem arrogantes (8.1) – mas que, contrastado com o “superconhecimento” do Espírito, é “limitado” e transitório. O verdadeiro e pleno conhecimento é aquele que o Espírito Santo dará não por causa de ritos místicos e arrebatamentos, mas por causa do amor cristão vivido na comunidade cristã e manifesto na vinda de Jesus. Paulo reforça tal entendimento dizendo que, agora, vemos “em espelho”, ou seja, em forma de enigma. O conhecimento recebido é parcial e não pleno. Ninguém (nem o sábio, nem o profeta, nem o místico – que fala em outra língua) pode conhecer a profundidade dos mistérios divinos.

Para Paulo, permanecem “a fé, o amor e a esperança”. Nem as “línguas” nem as “profecias” permanecem. Ao contrário, o que permanece de mais salutar na vida da igreja é a “fé” que gera confiança e obediência, a esperança que tem fundamento na vinda de Jesus Cristo e o amor que é o ápice do relacionamento (comunhão) entre a igreja e o Espírito Santo. Mas, na plena manifestação de Jesus Cristo, o amor permanecerá para sempre.

## CONCLUSÃO

É importante observar que o amor cristão é o sólido fundamento de uma comunidade de fé.

Certamente o “remédio” para todas as divisões está na prática do amor na vida cristã diária. Também o entendimento adequado sobre os dons espirituais e sua aplicação nos ministérios como ferramentas para a edificação da igreja está no entendimento do amor como a base de sua aplicação prática.

O amor também está no centro da “revelação” de Deus. As profecias, as línguas e o conhecimento cessarão. Deus não nos dá a conhecer mais do que podemos suportar (pois, ainda somos meninos!).

Na plena revelação de Jesus Cristo, não haverá mais mistérios a serem conhecidos, pois “Deus será tudo em todos” (1Co 15.28). O cristão não verá como um “enigma”, parcialmente, mas verá “face a face” e terá um “superconhecimento”, ou seja, o conhecimento pleno e perfeito que almeja seu coração.

Neste mundo de tribulações, conflitos e problemas, Paulo ensina que, através da prática do amor, a igreja espera a plena manifestação de Jesus. O amor é o alimento para a alma cansada, magoada e soberba!







Marcas como a unidade, o amor, a liberdade, a proclamação da Palavra, a santidade são destacadas do texto bíblico e apresentadas com clareza e de forma didática nas lições. Além do mais, os estudos são bem fundamentados em várias autoridades sobre o tema.

**Pendão**  **Real**

